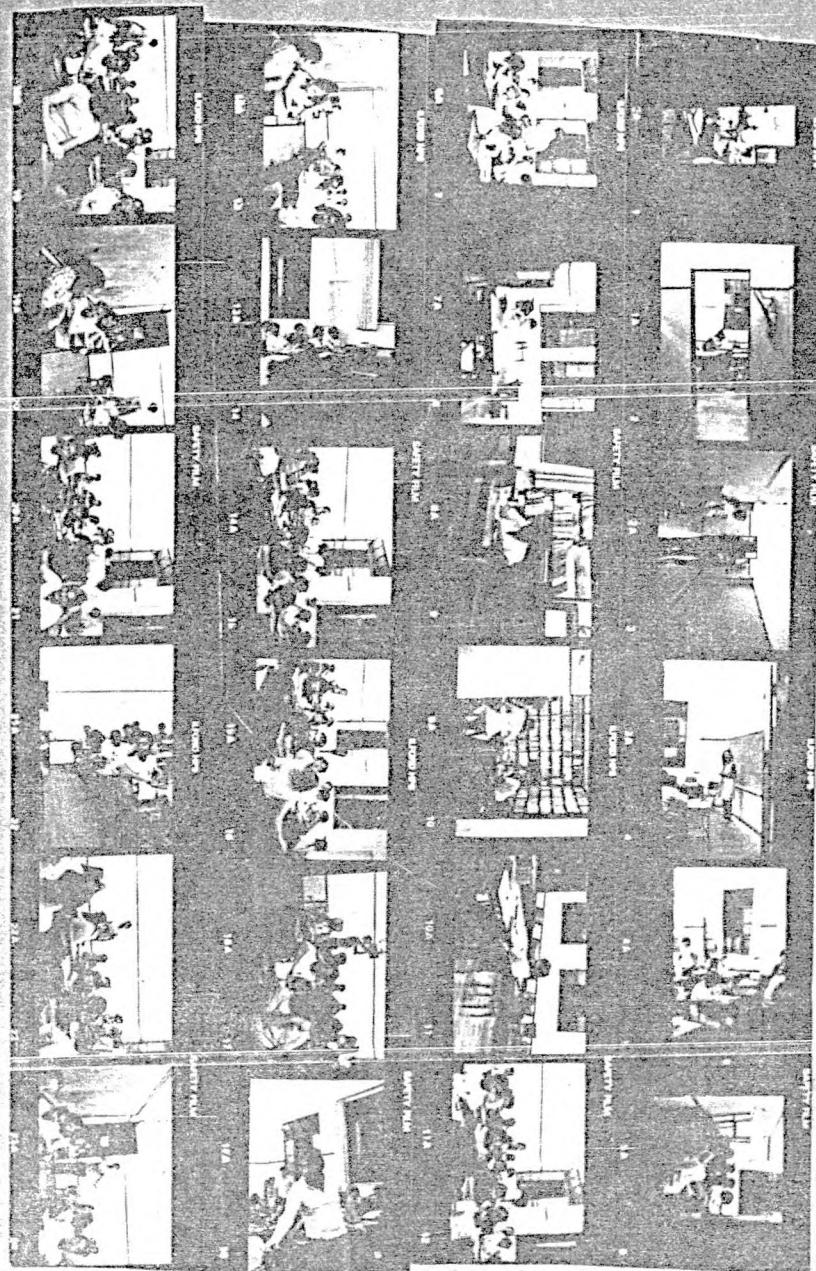




A ESCOLA PÚBLICA E O DESAFIO DO CURSO NOTURNO — ROSE NEUBAUER DA SILVA · MADZA JULITA NOGUEIRA

A ESCOLA PÚBLICA E O DESAFIO DO CURSO NOTURNO

Rose Neubauer da Silva - Madza Julita Nogueira 4ª edição



 **CORTEZ**
EDITORA

RUA BARTIRA, 387 - PERDIZES
SÃO PAULO - SP - CEP 05009
TEL.: (011) 864-0111

EDITORA
AUTORES
ASSOCIADOS 

 **CORTEZ**
EDITORA

EDITORA
AUTORES
ASSOCIADOS 

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	III
1. A ESCOLA PÚBLICA É IMPORTANTE, MAS... NÃO VAI BEM.	
— Um professor de escola pública como um outro qualquer	3
— A educação brasileira não é tão democrática quanto parece	6
— São excluídos da escola os que mais precisam dela	8
— O noturno é uma saída?	9
— Muitos têm esperança na educação	12
— O aluno do noturno — um espécime em extinção	14
2. INVESTIGAÇÃO SOBRE UMA CIDADÃ ACIMA DE QUALQUER SUSPEITA.	
— Onde se procura, por todos os meios, absorver a escola de qualquer respon-	
sabilidade pelo fracasso escolar dos alunos	19
— Onde são feitas terríveis revelações sobre a realidade do Professor	21
— Onde se presencia a dramática Via Sacra da escola pública	22
Primeiro Mistério: os regulamentos em ação	23
Segundo Mistério: vicissitudes do Diretor, perdido na escola sem	
funcionários, sem infra-estrutura, sem... ..	24
Terceiro Mistério: A institucionalização do caos. Onde foi parar o	
planejamento? A integração da equipe?	27
Quarto Mistério: Incrível! Mesmo com toda lama tem gente que	
ainda vai levando esta chama!	31
— Onde a escola é sintetizada numa original receita: "De como fazer fracassos"	35
3. É PRECISO ASSUMIR COMPROMISSOS.	
— A escola também é responsável	39
— Acusações e atenuantes	43
A vítima em questão	43
O professor	45
O Diretor	48
A Secretaria de Educação	53
Veredictos e Propostas	54

CIP — Brasil Catalogação na Fonte
Câmara Brasileira do Livro, SP

Silva, Tereza Roserley N. e Nogueira, Julita
A Escola Pública e o Desafio do Curso Noturno
— São Paulo: Cortez - Autores Associados, 1987.
(Coleção Educação Contemporânea)
Bibliografia
1. Educação-Brasil 2. Educação de 1º grau-Brasil
3. Política e Educação 4. Sociologia Educacional
-Brasil I. Título.
17 e 18 CDD — 327.981
17 e 18 — 370.190981
17 — 379
18 — 379.201

Índices para catálogo sistemático
1. Brasil: Ensino de 1º grau 372.981(17 e 18)
2. Brasil: Educação e Democracia 370.190981(17 e 18)
3. Brasil: Educação e Sociedade 70.190981(17 e 18)
4. Brasil: Magistério de 1º grau 372.981(17 e 18)
5. Educação e Política 379.17379.201(18)

Rose Neubauer da Silva

Madza Julita Nogueira

*Gerciana
Lessa*

A ESCOLA PÚBLICA E O DESAFIO DO CURSO NOTURNO

4ª edição

 CORTEZ
EDITORA

EDITORA
AUTORES
ASSOCIADOS 

Este trabalho é produto da reelaboração de reflexões e práticas que vêm sendo conduzidas por um grupo de educadores no processo coletivo de repensar a educação brasileira hoje. Neste sentido, foram por nós utilizadas as pesquisas sobre Educação e Seletividade Social, realizadas por Bernadete A. Gatti, Elba S. de Sá Barreto, Guiomar Namó de Mello, Lia Rosemberg, Maria M. Malta Campos, Teresa Roserley Neubauer da Silva(Rose); o projeto sobre o curso noturno da Secretaria da Educação do Estado de São Paulo; a dissertação de mestrado de Célia Pezzollo sobre a ilusão da escola e a realidade do trabalho; e as reflexões teóricas do Professor Dermeval Saviani.

Somos imensamente gratas a estes autores, assim como à Fundação Carlos Chagas, espaço democrático de trabalho e de valorização da pesquisa educacional.

Conselho Editorial

Antônio Joaquim Severino, Casemiro dos Reis Filho, Dermeval Saviani, Gilberta S. de Martino Jannuzzi, Joel Martins, Maurício Tragtenberg, Moacir Gadotti, Miguel de La Puente, Milton de Miranda e Walter E. Garcia.

Produção Editorial:

Antonio de Paulo Silva

Projeto Gráfico e Diagramação
Derli Barroso

Ilustrações
Martin

Fotografia
André Pinho de Mello e
Hélio Schawrtzman

Composição, Revisão e Arte Final
Transtipo S/C Ltda. — Rua Bartira, 500
Fone: 262-8022 - CEP 05010
Perdizes - São Paulo - SP
Edição revista e modificada

Nenhuma parte desta obra pode ser reproduzida ou duplicada sem a autorização expressa das autoras e dos editores.

Copyright © das autoras

Direitos para esta edição
EDITORA AUTORES ASSOCIADOS
CORTEZ EDITORA
Rua Bartira, 387 - Tel.: (011) 864-0111
05009 - São Paulo - SP

Impresso no Brasil — 1987

INTRODUÇÃO

Vivemos numa época em que as situações mais absurdas são consideradas “naturais”. Um exemplo disso é a atitude de tranqüila indiferença com que se constata a incompetência da escola pública em garantir à maioria de nossos alunos o direito à instrução básica.

“De cem crianças que entram na 1ª série, apenas vinte chegam à 8ª”. “Os alunos saem do curso primário sem ter aprendido nada”. “São excluídos da escola os que mais precisam dela”. Estas frases foram tantas vezes repetidas que se esvaziaram. A violência que afasta da escola os alunos originários das camadas populares e os responsabiliza pelo seu fracasso não incomoda mais.

Como educadoras, todavia, nos inquietamos tanto com esta violência quanto com a omissão que a perpetua. Por isso aceitamos, em 1982, o convite da Fundação Carlos Chagas para elaborar um texto, encomendado pela Secretaria de Educação do Estado de São Paulo, capaz de desencadear nas escolas um questionamento radical do ensino no período noturno. Entretanto, falar dos obstáculos que impedem alunos e professores do noturno de, respectivamente, aprender a ensinar, é colocar o dedo na ferida da escola pública: à noite encontramos, exacerbadas, todas as dificuldades que existem em qualquer horário de funcionamento das unidades do ensino oficial.

Assim, este mesmo texto, ainda com o título de “Curso Noturno, um desafio”, foi gentilmente cedido pela Fundação Carlos Chagas à Secretaria de

Educação do Município de São Paulo, que em julho de 1983 o utilizou num encontro onde educadores municipais procuraram encontrar caminhos para oferecer à grande maioria um ensino público de boa qualidade.

Realimentadas pela discussão que o livro gerou neste encontro, decidimos realizar uma edição comercial do texto mudando o título original para “A Escola Pública e o Desafio do Curso Noturno”, por entendermos que o noturno deve ser encarado como o principal desafio colocado para a democratização da escola.

Quando nos lançamos à produção deste material, tínhamos o objetivo de espicaçar o sentimento e a razão dos educadores, rompendo a carapaça de insensibilidade com que muitos se protegem ao eximir a escola de qualquer responsabilidade pelo fracasso do aluno.

Para tanto, servimo-nos de um recurso simples — uma história policial — e de algumas metáforas chocantes: o “crime” é o fracasso escolar e a “vítima”, o aluno das camadas populares. O “local do crime” é a escola — onde transcorrem as investigações que culminam no desmascaramento dos “culpados”.

Os personagens desta história expressam as várias posturas adotadas frente a problemática educacional hoje: do otimismo ingênuo e cada vez mais raro ao pessimismo pedagógico amplamente disseminado, e que condiciona qualquer mudança na escola a transformações radicais na estrutura social. (*)

A primeira posição — Otimismo Pedagógico — é

(*) Aos leitores que desejarem aprofundar-se nas Concepções de Educação (Otimismo Pedagógico, Entusiasmo pela Educação, Concepção Estruturalista e Concepção Dialética) recomendamos a leitura de: Saviani, Dermeval — “As Teorias da Educação e o Problema da Marginalidade na América Latina”. *Cadernos de Pesquisa*. São Paulo. Fundação Carlos Chagas, nº 42, agosto 1982.

representada por Eugênio, um sítante do interior. Este personagem cumpre uma dupla função: se por um lado propicia a crítica do Otimismo Pedagógico e seu idealismo em considerar a Educação elemento determinante da estrutura social, ao mesmo tempo leva o leitor a estranhar fatos com os quais já está acostumado. É a utopia que pode ter um efeito saudável, se instiga a busca de respostas para um cotidiano educacional estagnado.

Arubu é o personagem que assume a segunda posição. Através dele atacamos a Concepção Estruturalista de Educação, que, se é crítica, ao postular que a Educação só pode ser entendida a partir de seus condicionantes econômico-sociais, é reproduzida na medida em que a considera determinada unilateralmente pela estrutura social, dissolvendo-se a sua especificidade. Arubu é um papagaio pessimista: imagem adequada a uma teoria segundo a qual a única função da escola é repetir, eternamente, os modelos propostos pela classe dominante. E a classe dominada, onde fica? E o movimento causado pela contradição entre interesses dominados e dominantes em jogo, também no interior da escola? Este aspecto da questão é ignorado por aqueles que disfarçam, sob atitudes pretensamente críticas, o imobilismo do "não adianta fazer nada".

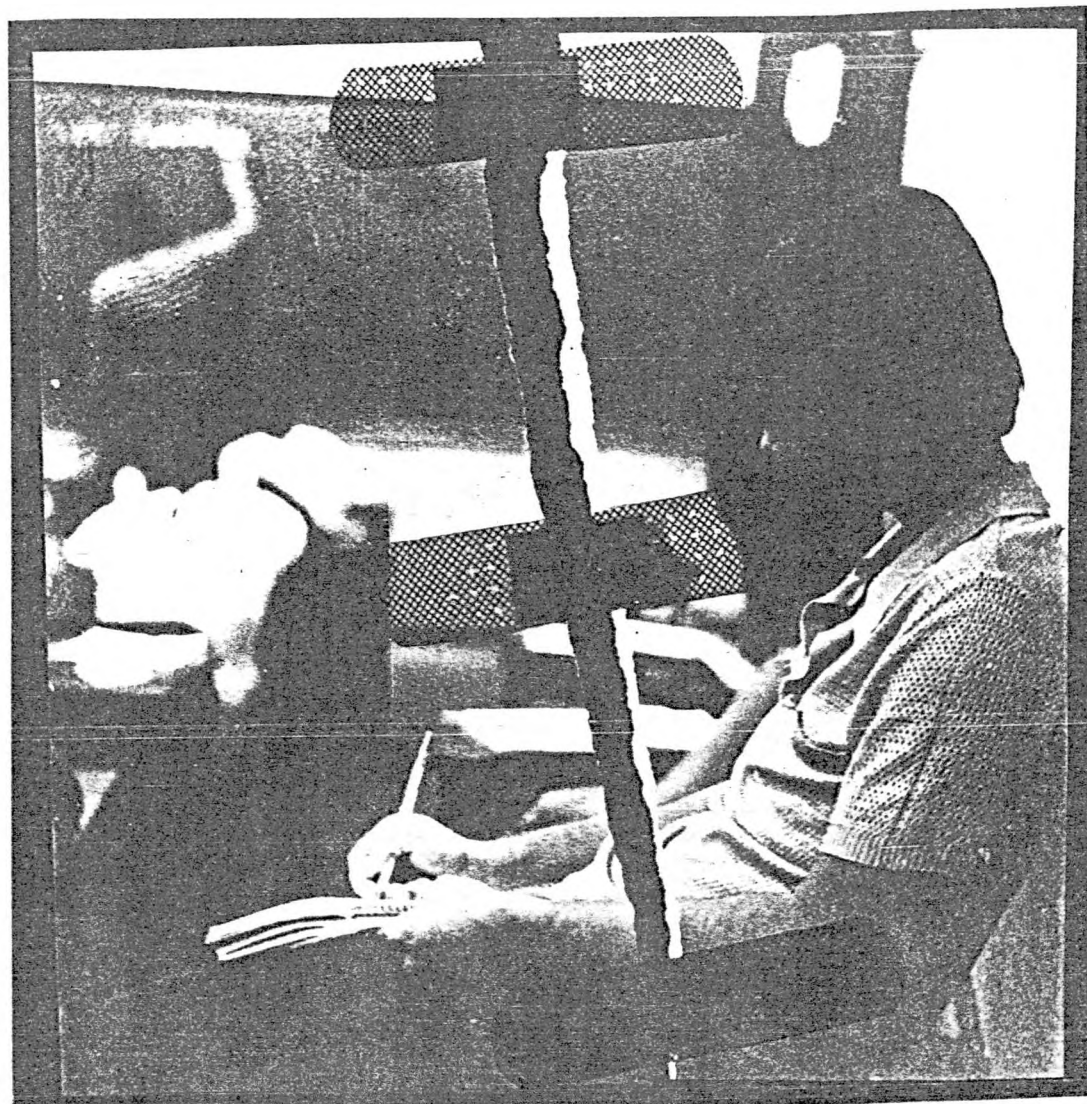
Miguel, o professor, é o personagem síntese e figura central da história. No âmbito de seu senso comum, cruzam-se as duas concepções anteriores: Eugênio e Arubu não passam de dimensões conflitantes no ideário pedagógico do professor. Talvez exatamente por não dar conta do problema prático de "ensinar Joãozinho a ler", o professor seja tentado a atribuir às condições sócio-econômicas a única responsabilidade do fracasso do aluno.

No confronto que Miguel e seus alter-egos Eugênio e Arubu travam com Doraci e Dorali, os personagens que no texto representam os grupos populares e suas expectativas frente à Educação, aparece claramente a autonomia relativa da escola. Esta autonomia significa o reconhecimento de que a escola não é totalmente determinada pelas condições sócio-econômicas, mas possui um espaço de liberdade, onde se exercitam decisões de ordem administrativa e pedagógica, a favor ou contra os interesses da maioria dos alunos.

A tese que defendemos neste livro é a de que é possível mudar hoje algumas condições intra-escolares que interferem negativamente no aproveitamento dos alunos. A luta pela transformação da sociedade não se dissocia da tarefa mais específica dos educadores que é repensar as condições da ação pedagógica. Uma ação pedagógica que não marginalize milhares de brasileiros privilegiará o domínio de conteúdos relevantes e significativos uma vez que este se nos afigura germe inicial indispensável à participação das camadas populares na sociedade e à superação mesma da sua situação de classe.

Acreditamos, dessa forma, que a busca de alternativas pedagógicas que possibilitem à maioria das crianças das escolas públicas dominar alguns conteúdos básicos produzirá resultados iniciais, ainda que modestos, tanto para os alunos quanto para os seus professores. Para estes, na medida em que passarão a desempenhar seu papel de profissionais política e profissionalmente competentes; para aqueles, porque, em número cada vez maior, virão a usufruir do direito constitucional à educação de primeiro grau.

1
A escola pública é importante, mas... não vai bem.



A escola pública é importante, mas... não vai bem. 1

Um professor de escola pública como outro qualquer	3
A educação brasileira não é tão democrática quanto parece	6
São excluídos da escola os que mais precisam dela	8
O noturno é uma saída?	9
Muitos têm esperança na educação	12
Aluno do noturno — um espécime em extinção	14

Um professor de Escola Pública como outro qualquer

— Minha Santa Periquita!
Quando os alunos de Miguel ouviam esta imprecação, um silêncio sepulcral baixava na sala de aula. Era sinal que a aparentemente infinita paciência do professor de Português estava chegando ao limite. E quando isto acontecia... melhor não estar perto pra ver.

Naquele momento não havia mesmo ninguém para testemunhar o desabafo de Miguel. Passava das onze da noite, e todos os moradores do Tucuruvi já deviam estar confortavelmente instalados em suas camas.

Miguel e seu fusca 76 estavam sozinhos diante da constatação: pneu furado.

— Justo hoje que eu saio correndo da escola pra pegar tio Eugênio na Rodoviária, justo hoje tinha de me acontecer isto!

lá desatarrachando os parafusos da roda dianteira, enquanto o frio de junho castigava sem dó nem piedade.

O serviço estava quase terminado. Miguel tinha uma vasta experiência no ofício.

— ... também, estes pneus estão mais carecas que eu...

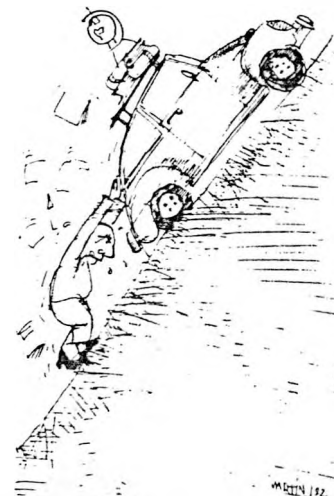
— Ah, meu Deus, e se o velho se perder? Faz séculos que ele não vem a São Paulo!

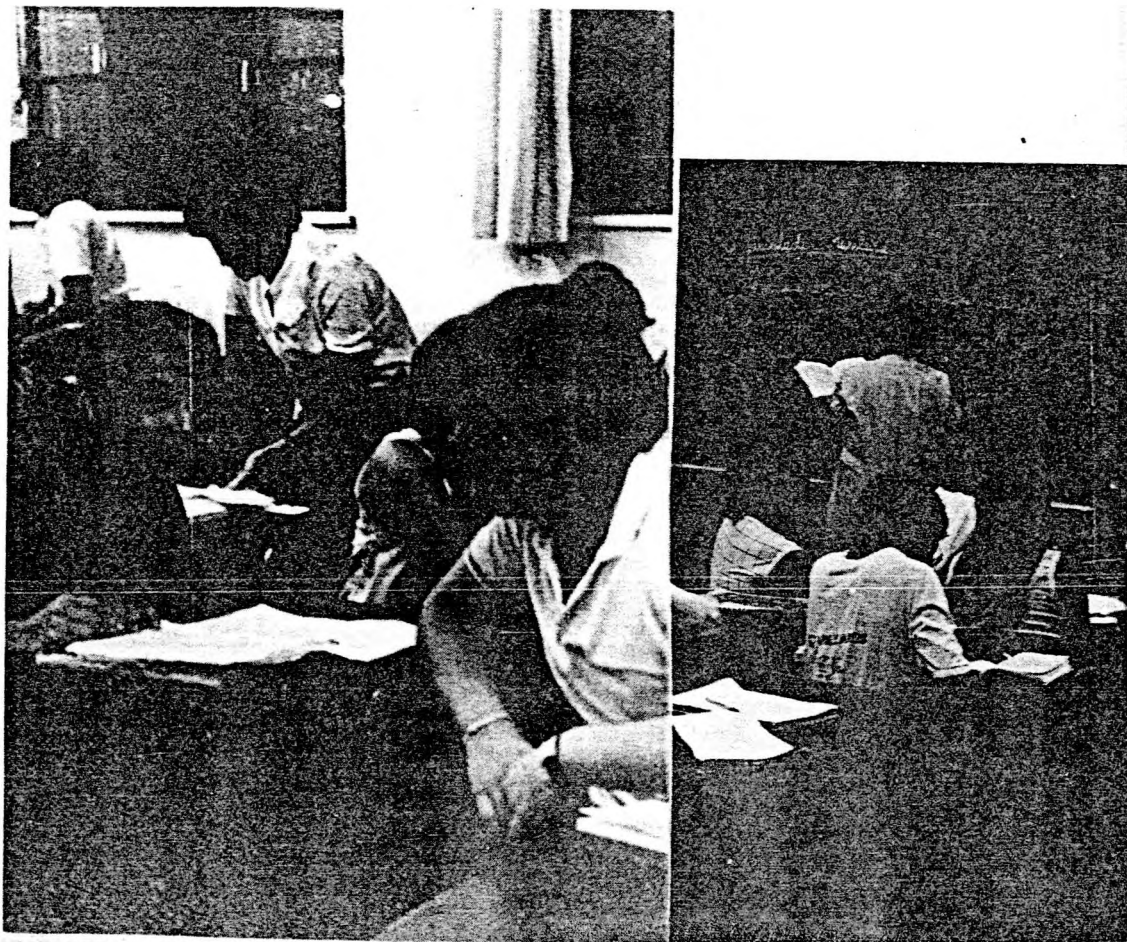
Só faltava esta, para encerrar a sexta-feira com chave de ouro. Logo cedo foi a diretora cobrando o dinheiro dos votos de Miss Caipirinha: “Acabou o sulfite, papel higiênico não tem mais, as luzes do corredor pifaram... Estamos dependendo desta festa”, e mais isto, e mais aquilo.

— ... acontece que eu tenho vergonha de pedir dinheiro pra aqueles moleques com cara de sobreviventes de naufrágio. Vergonha. Me sinto um verdadeiro assaltante. Como se já não bastasse a tal taxa da A.P.M.

Miguel sacudiu a cabeça, incomodado, e continuou o balanço das desventuras do dia. Sim, porque teve também o enguiço do metrô na Estação Tatuapé. Com a perda salarial que sua categoria vinha sofrendo, precisava trabalhar cada dia mais e gastar cada vez menos. Assim, ele não era louco de usar o carro no período da manhã. Deixava o Pois É na Vila Mariana, economizando gasolina. Escalava-o apenas à tarde, quando ia para a escola estadual do Tucuruvi, onde ficava até as onze.

Nas sextas séries vespertinas até que as coisas andaram bem. fora o Ricardo que estava com o diabo no corpo; os palavrões na lousa da 6ª C e os apagadores que viraram fumaça. Miguel aproveitou que era dia de





Queda do salário do Professor em relação ao salário mínimo

	ANO	SALÁRIO-HORA
Professor III:	1967	— 13,7 vezes o salário/hora mínimo
	1979	— 6,9 vezes o salário/hora mínimo
	1982	— 4,5 vezes o salário/hora mínimo
Professor I:	1967	— 8,7 vezes o salário/hora mínimo
	1979	— 5,7 vezes o salário/hora mínimo
	1982	— 3,9 vezes o salário/hora mínimo

(Balzan, 1982)

redação, lascou um tema na lousa e disparou a corrigir as avaliações bimestrais das 6^{as} do noturno. O conselho de classe ia ser 2^a feira, e ainda faltava tirar todas as médias.

Ficou danado foi com as notas vermelhas do noturno.

— Só falta dar as questões resolvidas pra eles e o desastre é sempre o mesmo! O rosto rechonchudo do professor se encompridou de desgosto, pelos alunos e por tio Eugênio.

— A esta altura nem adianta mais chegar até a Rodoviária. É melhor ir direto pra casa e rezar pra ele ter conseguido um bom motorista de táxi, que não esteja agora fazendo a volta à cidade com o coitado.

Fazia anos que não via tio Eugênio, a ovelha excêntrica da família. Muitas eram as lendas sobre ele: que nascera de olhos abertos, que aprendera a ler sozinho nos rótulos dos remédios e das latas, que conversava com os bichos. Havia fugido do sítio dos pais, no interior, quando ainda menino. Só voltou quando o irmão mais velho, já muito doente, se viu ameaçado de perder as terras para um sujeito da capital.

— Foi a partir daí que passei a ter contato com o tio — recordou Miguel, acelerando o carro. Só mais alguns minutos e estaria em casa. Eugênio lhe escrevera com um pedido no mínimo surpreendente: queria livros para entender melhor a crise que estava enfrentando.

Como o professor não se interessava por questões fundiárias e não tinha tempo para pesquisar uma bibliografia a respeito, decidiu-se pelo caminho mais fácil. Despachou para Santa Mercês todo material sobre Educação que fora acumulando desde que terminara o Normal e viera para São Paulo tentar a vida. Até as apostilas da Faculdade de Letras seguiram junto, para desocupar espaço no apartamento. Rosinha, sua mulher, deu pulos de alegria.

Através das cartas do tio, Miguel acompanhou sua resistência às pressões que faziam para que desocupasse as terras. A última notícia era que o poder econômico saíra ganhando mais uma vez. Eugênio tivera que engolir a contragosto uma modesta compensação em dinheiro e fazer

as trouxas.

Com um escandaloso pipocar. Pois É estacionou, esgotado. Lá estava tio Eugênio.

Aquele homem seco, espiado. de chapéu de palha, não tinha nada do caipira aturdido pela cidade grande que o sobrinho havia imaginado.

Chamou Eugênio e foi logo envolvido num abraço rijo e empoeirado.

— Seiscentos quilômetros! Estou descadeirado, meu filho!

— Tio, e estes sacos?

— Ah, são os livros. os livros de Educação que você me mandou. Não ia me separar deles por nada neste mundo.

Miguel suspirou, resignado. Rosinha ia virar uma fera. Ainda bem que ela havia tirado licença na escola e estava na casa da irmã que ia ter nenê, em Taubaté.

Tio e sobrinho celebraram o encontro na cozinha. A conversa estava animada, e ameaçando varar a noite.

Do poleiro ao lado da geladeira o papagaio de estimação volta e meia dava seus palpites. Este papagaio era o xodó de Miguel. O bicho contava até cem, sabia a tabuada do sete e enfrentava qualquer polêmica sobre questões educacionais. O professor estava só esperando ter uma folguinha para levá-lo ao Flávio Cavalcanti, ou quem sabe, até ao Fantástico. Seu único defeito era um pessimismo crônico, causado talvez por má digestão. Não era à toa que a faxineira Dorali o apelidara carinhosamente de Arubu. Miguel reclamou, tentou corrigir, mas o nome acabou ficando: Arubu, Aru.

— Pois é, meu rapaz. Sabe que às vezes, lá no sítio, lendo aqueles livros todos sobre Educação, me batia uma inveja danada de você?

Deve ser emocionante fazer as pessoas crescerem em conhecimento

Com o Conhecimento dá para decifrar o mundo.

— continuou Eugênio. É uma maneira de torná-las gente de verdade. É colocar nas mãos delas um tesouro que a Humanidade levou milênios para construir e dar-lhes condições de ir em frente!

Qualquer coisa no tom da voz do tio fez com que Miguel se recordasse de algo que parecia enterrado fundo, coberto por montanhas de mesquinharias cotidianas. Por um segundo ele se viu não um funcionário mal pago, mas Prometeu em pessoa roubando o Conhecimento dos deuses para distribuí-lo aos homens. E se imaginou, como o bom titã, preso a um rochedo, com aves de rapina a lhe roer o fígado. Era o castigo por querer dar a todos o que era propriedade de uns raros.

— Estou vendo que o senhor se entusiasmou de verdade...

— E como não se entusiasmar, quando a gente pensa nas enormes possibilidades que a Educação abre?

Olha, eu gosto muito de resolver charadas dessas que saem no jornal. E as charadas têm sempre uma chave que faz a gente descobrir o sentido que estava ali mesmo no nariz, mas a gente não percebia. Pois pra mim, o Conhecimento é esta chave. Com ele dá pra decifrar o mundo. Sem ele, a gente vê, mas não dá conta direito do que vê. Eu, por exemplo, até agora não entendi porque perdi as terras. Entendi o "porquêzinho", a causa que está mais perto. Mas sei que deve haver um outro porquê, atrás, que eu não estou enxergando.

O que eu queria... Eu queria era chegar à raiz de tudo: saber o porquê das coisas que acontecem na natureza e na vida das pessoas; saber como era o mundo antes de mim. no começo, para poder imaginar melhor o que vai vir depois. Infelizmente não tive estudo. O que sei, sei porque a vida me ensinou. E a escola

da vida não dá diploma, outra coisa muito importante.

— Eh, tio Eugênio, diploma hoje em dia não vale nada. O que vale é padrinho rico — e da situação...

— Você diz isso porque tem o canudo. Me diz: como é que você ia dar aula sem ter o diploma? Aí é que está.

O que mais me alegra, prosseguiu Eugênio, é que em nosso país, desde a República, a Educação não é considerada privilégio de poucos, mas direito de todos, dever do Estado. No Brasil realmente se valoriza a Educação.

Com esta, o papagaio que vinha se segurando há algum tempo, não agüentou mais e desandou numa risadaria que não acabava mais.

— O Miguel! Este seu papagaio é subversivo, ou é bobo alegre de nascença? Mais respeito, ó ave trepadora, psidácida degenerada!

Eugênio foi até a sala, de onde trouxe um dos sacos de livros. Depois de vasculhar muito, tirou um lá do fundo, abriu-o e o exibiu triunfante ao papagaio.

— Aqui está a prova. Veja, ignorante: "Já na Constituição de 1824... 1824!!! ... constava, no inciso 32 do artigo 179, que a instrução primária é gratuita a todos os cidadãos." (Antunha, 1975)

Foi um primeiro passo. A Constituição de 1934 vai mais fundo e reza, no artigo 149, que a educação é direito de todos. Este princípio é confirmado na Carta de 1946. E para fazer cumprir o que a Constituição mandava, o Congresso ficou ruminando o projeto da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional sabe quanto tempo?! De 1946 a 1961. Isto é levar a sério um trabalho. Em 1961 os congressistas aprovaram a Lei 4024 que regula o funcionamento e o controle da organização escolar em todo o

território brasileiro.

Em 1971 aparece a Lei 5692, que contribui para democratizar ainda mais a nossa escola. Reconheça: foi uma idéia luminosa esta de juntar primário e ginásio, aumentando a duração do ensino obrigatório de 1º grau para 8 anos, dos 7 aos 14. Foi a prova provada que o nosso governo se interessa mesmo em difundir o ensino a todos. Tanto que a lei, com esta intenção, sugere uma série de inovações para tornar o ensino mais flexível, mais adaptado às características de cada clientela.

• A Educação Brasileira não é tão democrática quanto parece

— Puxa, tio, o senhor falou bonito!

— Obrigado. É que eu decorei uns trechos do livro, de tanto que gostei.

— Logo vi... Mas tem só uma coisinha: o senhor está fazendo uma pequena confusão entre o legal e o real. Uma coisa é a propaganda da Educação democrática, que todo governo faz e que está aí na legislação educacional do nosso país. Outra coisa muito diferente são as providências que se toma, na prática, para realizar o ideal democrático.

— Ora, Miguel, vai me dizer que você está do lado do papagaio?

— Nada disso! E que sou seu amigo, mas sou mais amigo da verdade.

— Pois verdade seja dita: em 1890 tínhamos 80 por cento de

Sem ele, a gente vê, mas não dá conta direito do que vê.

analfabetos. Em menos de 100 anos, a proporção se inverteu. Hoje a porcentagem de não alfabetizados gira em torno de 20 por cento. O que você me diz disso? Tem mais. Em 1960 só 56 por cento dos brasileiros tinha instrução a nível de 1º grau. Dezesesseis anos depois, esta porcentagem subiu para 72 por cento! (Demo. 1981) Aqui no Estado de São Paulo, o número do que se chamava antigamente ginásios aumentou dos miseráveis 41 em 1940 para 561 em 1962 e simplesmente 4138 escolas de primeiro grau em 1981! E então? — Eugênio cruzou os braços, satisfeito. Acho que tapei a boca de vocês.

— Ninguém pode negar que houve uma extensão das oportunidades educativas, principalmente nos últimos anos, mas a causa disso não foi só o interesse do governo, nem a legislação educacional.

— Foi o quê, então? —

— A expansão da escolarização foi consequência, principalmente, da industrialização acelerada do país nas últimas décadas. Havia necessidade de trabalhadores que soubessem ler instruções, calcular, entender a propaganda dos meios de comunicação. Daí o aumento do número de escolas.

"A organização escolar não é obra da legislação. Ambas interagem no seio da sociedade, que produz uma e outra. A legislação constitui o instrumento através do qual o Estado regula, acentuando ou amenizando as tendências em marcha. Assim, à luz do contexto, revelam-se ao mesmo tempo a falácia e a eficácia da legislação. A falácia diz respeito às esperanças nela depositadas e que ela não pode realizar. A eficácia consiste nas consequências, esperadas ou não, que ela acarreta."

(Saviani, 1980)



— Tudo o que você disse não muda grande coisa. O que importa é que se está procurando seriamente assegurar o direito de todos à Educação, como manda a lei.

— Isto é o que você pensa, tio! Deixe eu concluir o meu raciocínio!

O que se ampliou foi a oportunidade de acesso à escola. Mas a permanência na escola não é garantida.

— É isso aí! aprovou o papagaio Arubu. A nossa escola continua sendo extremamente seletiva. É aquela tal estória: muitos são os chamados, mas poucos são os escolhidos!

— Quietto, psidácida herege.

Quero provas, provas concretas de que é verdade o que você me diz, Miguel — exigiu Eugênio, belicoso.

— É muito simples. Sabe a porcentagem de alunos reprovados, todos os anos, da 1ª para a 2ª série? 50 por cento, meu tio. E isto se repete há mais de trinta anos.

Eugênio escutava, com os olhos arregalados. Arubu completou, sádico:

— ... e está provado. Quem repete uma vez, tende a repetir outra. Acaba desistindo, né?

— Eu vou lhe dar outros números, prosseguiu Miguel, implacável. No Estado de São Paulo, em 1980, para cada 100 crianças matriculadas na 1ª série do 1º grau, apenas 38 estavam na 8ª série, e 20 na 1ª série do 2º grau. Dessas, só a metade termina o 2º grau. Na cidade de São Paulo, 65 por cento dos 732.039 jovens de 15 a 18 anos estão fora das escolas de 2º grau. (Folha de S. Paulo, 1982) Como 55 por cento desses jovens são pessoas economicamente ativas, isto significa que se inseriram no mercado sem formação profissional! (Barreto, 1979)

O papagaio abriu um enorme bocejo. Já estava farto de saber todas estas estatísticas.

8

• São excluídos da escola os que mais precisam dela

Eugênio levantara-se. Rodeava a mesa em passos nervosos, esbarrando ora na geladeira, ora no armário, ora no poleiro do Arubu.

De repente parou, aliviado.

— Entendi! Estas crianças e jovens que saem da escola deve ser tudo filho de rico, que não precisa dela para se instruir. Têm livros, têm viagens, têm cinema, teatro, jornais... Pra que escola? Depois, o emprego já está garantido na indústria do pai ou de algum conhecido.

— O senhor não prestou atenção aos números. Eu disse, por exemplo, que 65 por cento dos jovens de 14 a 18 anos não frequentam o 2º grau. Será que, mesmo em São Paulo, há tanto rico assim?

Eugênio franziu a testa, olhou pro teto, e de lá lhe veio nova inspiração:

— Já sei. A escola vai selecionando, no decorrer dos anos, os mais capazes, os que realmente dominaram os conteúdos ensinados. Chega ao 2º grau o supra sumo do 1º.

— Nada disso — riu Miguel. Tenho vários colegas que trabalham no 2º grau e o que eles dizem é que os alunos trazem conhecimentos absolutamente insatisfatórios do 1º grau. Estão semi-alfabetizados e só com extrema dificuldade acompanham os conteúdos considerados de nível de 2º grau.

— Me diz de uma vez, Miguel:

quem são estas crianças que saem da escola?

— É simples, meu tio. Todo mundo sabe disso. Quem permanece menos tempo na escola são os mais pobres.

Alguns resultados de pesquisa realizada por Rosenberg (1981) indicam claramente a existência de mecanismos de seletividade social dentro da escola.

Há 18,1% de alunos provenientes de famílias de renda mais baixa nas séries iniciais. Na 8ª série há apenas 0,9% de alunos nesta faixa de renda.

77,8% dos alunos que abandonam a escola têm pais com escolaridade mais baixa.

Eugênio desabou na cadeira.

Miguel cortou um pão, encheu-o com lingüiça frita e passou a mastigá-lo embevecido, pensando em coisas mais amenas que a situação educacional do país.

Foi quando se ouviu um murro na mesa.

— É UM ABSURDO! berrou Eugênio.

Miguel engasgou com a lingüiça. O papagaio sacudiu as asas, irritadíssimo.

— O que é absurdo, tio?

— Isto das pessoas mais pobres ficarem menos tempo na escola.



— Me diz de uma vez, Miguel: quem são essas crianças que saem da escola?

Justamente os que mais têm necessidade da escola são privados dela! Não há igualdade diante da lei. Está havendo discriminação contra os pobres!

— Você se espanta? Deixa de ser ingênuo, Eugênio. Quem não sabe que a função da escola é favorecer os favorecidos e desfavorecer os desfavorecidos? — resmungou Arubu.

Independentemente da expansão quantitativa da matrícula escolar, continuam a existir mecanismos de seleção e exclusão que sabotam o acesso das classes subalternas aos graus mais avançados do ensino e do saber.

(Mello, 1982)

— E ninguém faz nada? Todo mundo aceita esta barbaridade sem tigrir nem mugir?

— Fazer o quê? Considerou Miguel, voltando a ruminar seu sanduíche. Ninguém ainda inventou mágica de acabar com a pobreza da noite pro dia. Como é que o senhor quer que crianças subnutridas, sem orientação em casa, aprendam alguma coisa na escola? Elas não aprendem, repetem e acabam saindo para trabalhar mais e complementar o orçamento da família. A vida é assim, tio. O senhor ainda não se acostumou? Coma o seu pão com lingüiça que está pra lá de bom.

Eugênio ficou um minuto com ar de beco sem saída, mas logo recuperou-se.

— E o Noturno? Então não tem curso noturno, para aqueles que precisam trabalhar o dia inteiro?

— Ai é que a porca entorta o rabo! Ter, tem. Mas não funciona. Inclusive tem muitas escolas que estão fechando as classes do noturno.

• O noturno é uma saída?

— Fechando? Mas por que? Não está havendo procura?

— Pelo contrário, respondeu Miguel, divertido com a perplexidade do tio. 89 por cento dos jovens de 14 a 19 anos que trabalham, trabalham mais de 40 horas por semana, e portanto, precisam do noturno se quiserem estudar. (Barreto, 1979) No 1º grau, 30 por cento dos alunos estudam à noite. No 2º grau, a grande maioria se encontra neste período: 58 por cento. 81 por cento dos alunos do noturno frequentam escolas públicas. A matrícula no noturno cresceu 7 por cento entre 1978 e 1980. (Gibran e Pruks, 1982) Isto é sinal do grande interesse que há por estes cursos.

— Necessidade, diria eu — observou Arubu.

Prossigue extinção de cursos noturnos

Um dos aspectos apontados pela pesquisa da Fundação Carlos Chagas refere-se, também, à precariedade da rede oficial de cursos noturnos de 2.º grau, já que estes são a única opção para quem trabalha o dia todo.

A esse respeito, a própria Fundação Carlos Chagas já fez um levantamento que aponta a falta de cursos noturnos no Estado e a tendência do governo em reduzi-los ainda mais. Esta é uma denúncia que já foi reafirmada, também, pelo grupo de mães das comunidades eclesiais de base que trabalham com Educação e, mais recentemente, pela Associação dos Professores do Ensino Oficial do Estado de São Paulo (Apeoesp) e pela União de Diretores de Ensino do Magistério Oficial (Udemo).

REGIÃO SUL

A regional Sul da Apeoesp realizou um levantamento na região para apurar quais as escolas estaduais e municipais que estão progressivamente reduzindo os cursos noturnos e constatou que, além de um número elevado de escolas não funcionarem à noite na região compreendida pelas 16.ª e 17.ª Delegacias de Ensino, algumas diminuíram o número de classes noturnas e funcionam ociosamente.

Ainda de acordo com o levantamento da Apeoesp, não existem escolas de 2.º grau — nem de dia nem à noite — na região do Jardim Miriam, Vila Elida, Vila Clara, Vila Joanisa, Jardim Luiso, Jardim Missionário, todos eles bairros de periferia e de população carente, ficando os estudantes conculintes da 8.ª série impossibilitados de frequentar o 2.º grau devido à falta de vagas nas escolas mais próximas.

FOLHA DE SÃO PAULO 27/09/82.

— Então como é que pode fechar classe de noturno? Os trabalhadores vão ser prejudicados!

Eugênio encarava Miguel como se estivesse a ponto de agarrar-lhe os colarinhos.

— Sossega, leão! Eu não tenho nada a ver com isso. Vai ver tem gente que pensa: “pra que investir num negócio que não funciona?” E de certo modo, tem razão, porque noturno é um furo n’água.

Outro dia, lembrou-se Miguel,

tinha uma servente da escola comentando sobre o noturno lá no pátio. Ela dizia mais ou menos o seguinte: “Acho que o governo sai perdendo com o período noturno. Devia era fechar. Gasta este mundo de luz, paga professores, serventes para este bando de aluno e nem metade passa de ano. De agosto em diante, os alunos começam a desistir. Quando começam as notas baixas, eles desistem. Chegam cansados, e não aprendem nada. Os alunos vêm procurar um futuro melhor, mas é um futuro muito sacrificado. Eles trabalham de dia e não podem aproveitar na escola. Ou fazem muita bagunça ou dormem”. (Pezzollo, 1981)

Dados sobre os Cursos Noturnos

1º Seminário de Estudos para Melhoria dos Cursos Noturnos de 1º e 2º Grau — 1976

- 80% dos alunos do noturno chegam para aula sem jantar.
- 20% dos alunos do noturno chegam atrasados.
- 20% dos alunos do noturno dormem nas aulas.
- 15% dos alunos do noturno fogem antes da 1ª aula.
- 25% dos alunos do noturno abandonam a escola no fim do 1º semestre.
- 50% dos alunos do noturno abandonam a escola até outubro.
- 50% dos alunos do noturno dos que frequentam as aulas até o final não conseguem ser aprovados.

(Gibran e Pruks. 1982)

— Então como é que pode fechar classe de noturno? Os trabalhadores vão ser prejudicados!



Justamente aos pobres
é negada a chance de uma
escolaridade maior,
que pode representar
para eles até mesmo
uma possibilidade de melhoria
de vida?

— Pelo que estou entendendo, falou Eugênio vagarosamente, a criança que é pobre está condenada a não aprender e sair da escola. O jovem que é pobre e trabalha está igualmente condenado a fazer bagunça ou dormir na escola, ser reprovado e desistir. A sina do aluno pobre é ficar pouco tempo na escola. É a grande razão para ele sair logo da escola é a sua pobreza. É isto, Miguel?

— Infelizmente é assim mesmo como o senhor falou.

— **MAS VOCÊ NÃO PERCEBE QUE ESTÁ INCORRENDO NUM RACIOCÍNIO CIRCULAR, QUE NÃO EXPLICA NADA?** explodiu Eugênio.

— Shhhh!!!! reclamaram Miguel e o papagaio ao mesmo tempo. Olha os vizinhos!

— Não dá para aceitar isso, Miguel. Você me diz que os alunos se evadem principalmente porque precisam trabalhar. O noturno existe para atender a estes jovens. E são exatamente as classes deste período que vão fechar, a pretexto de que não funcionam? Justamente aos pobres é negada a chance de uma escolaridade maior, que pode representar para eles até mesmo uma possibilidade de melhoria de vida? **ISTO É ILEGAL! INCONSTITUCIONAL!**

12

• Muitos têm esperança na Educação

No dia seguinte, Eugênio acordou com os grasnidos do papagaio, que parecia estar de péssimo humor.

— Me fizeram perder o sono com estas conversas sobre escola. Parece até que a Educação tem importância! ... Bobos. Educação não muda nada.

— Que é que você está rosnando aí, seu Arubu? perguntou Eugênio, enquanto ia passando o café.

— O que eu acho é que vocês ficam esquentando os miolos com questões menores. Pra que Educação, me diga, num país com 60 milhões de subnutridos, 40 milhões de tuberculosos, 10 milhões de doentes mentais, 5 milhões com doença de Chagas e 500 mil cegos? (dados citados por Gadotti, 1981) Enquanto nós conversamos aqui, sabe quantas crianças já morreram? Quatro. No Brasil morre uma criança por minuto, de fome, basicamente. (Folha de S. Paulo,

1982) E você vem me falar de Educação...

Eugênio agarrou o pescoço de Arubu. O papagaio foi salvo pela entrada de Doraci, a faxineira dos sábados, que ao ver a cena, pôs as mãos na cabeça.

— Meu senhor, não faça uma malvadezas dessas! Este papagaio vale ouro! É a alegria da casa. O Aru é falador mesmo. Eu não entendo muita coisa que ele diz, mas me distrai. O senhor é parente do seu Miguel?

— Sou tio. E sou de paz. O Arubu é que me tirou do sério, dizendo que Educação não serve pra nada. É que ele é letrado, por isso se pode dar ao luxo de desprezar o que já tem.

Desescolarização é algo que não tem muito a ver com as aspirações da população. São aqueles que já passaram pela escola que defendem a desescolarização, a qual não é defendida pelos não-escolarizados.

(Saviani, 1980)

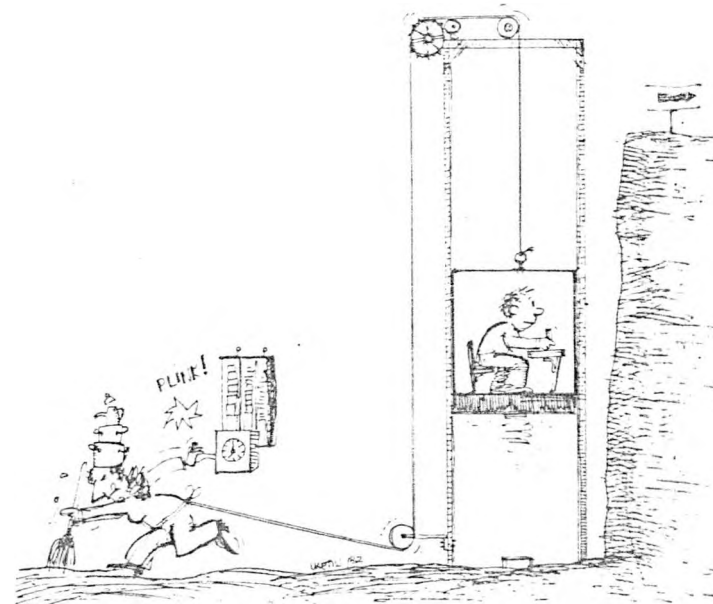
— Eu entendo o que o senhor quer dizer. Eu por mim acho que Educação é tudo na vida de uma pessoa. Quem não estuda... Veja eu. Vim do sertão do Ceará, onde aprendi na escola do cabo da enxada. Cheguei aqui mais Pedro, procurando uma vida melhor, mas só encontrei foi miséria. Pedro me largou. Fiquei sozinho, eu e meus filhos Doraci, Dora e o Dorandir.

Pra dar de comer pra essas crianças, precisei me virar em duas. Emprego bom não arrumo, porque não lejo direito e não sei escrever.

É por isso que eu trabalho desde sete da manhã até onze da noite, não conheço sábado, domingo, nem feriado, mas pelo menos Doraci há de ter estudo. Ele já está na sexta série. É aluno de seu Miguel, à noite. Com a graça de Deus e da Virgem Santa, Doraci ainda há de ser doutor.

“Tenho vontade de ver meus filho tudo estudando, pra depois ter boa profissão, né, senão fica um bando de criança sem estudar, né, e que profissão vai ter? Não vai ter profissão nenhuma. . . É pra mais tarde eles não sofrer, eles não perecer como eu tô perecendo. Eu tô perecendo porque não tenho estudo. Se eu tivesse estudo, não tava perecendo. Quem não tem estudo, não tá no serviço suficiente.”

(Malta Campos, 1981)



Os professores fazem de conta que ensinam, os alunos fazem de conta que aprendem...

— Pára de sonhar mulher! esganiçou o papagaio. A instrução que seu filho vai ter vai levá-lo a exercer ocupação semelhante à sua, Doraci.

— Olha aí o Arubu querendo convencer a senhora que ter mais instrução não faz diferença nenhuma...

— Tá bom. Só porque ele quer... Pra gente, qualquer melhoria, por menor que seja já faz uma grande diferença. Até ter torneira dentro de casa, quando antes precisava buscar água na bica da rua, a gente considera um progresso.

A faxineira suspirou fundo.

— Este ano tava quase não dando. O preço dos livros é pela hora da morte! Onde é que eu ia arrumar dinheiro? Os professores cobravam todo dia: Doraci estava ficando com vergonha de ir para a escola. Falou até em desistir. Seu Miguel é que teve pena e comprou os livros do bolso dele. Teve também o avental, que não servia mais, e não deixavam entrar sem. Arrumei roupa pra lavar pra fora. Esse tem que ficar na escola. Já chega a Dora, coitadinha, que é meio fraca da idéia. Em casa faz tudo... Mas na escola não entendia nada.

Doraci não. Ele tem boa cabeça. Só repetiu duas vezes. Este há de conseguir.

Eugênio escutava Doraci e pensava que, se dependesse dele, não só Doraci, mas todos os meninos do Brasil iriam conseguir realizar seu sonho de ter uma boa escolarização:

— Não está direito que a educação seja proclamada direito de todos e ao mesmo tempo negada a grupos determinados.

É preciso cobrar que se realize efetivamente o que a legislação educacional promete.

• Aluno do noturno — um espécime em extinção

Doraci interrompeu o silêncio de Eugênio com uma exclamação alegre.

— Falou do diabo, aparece o rabo. O só quem está aí...

Era Doraci, moleque franzino de quatorze anos, olhar malicioso.

Doraci trabalhava num bar, no centro da cidade, sem registro, ganhando menos que o mínimo.

— Vim aqui para ver se o seu Miguel me explica uns exercícios que não entendi.

— Meu nome é Eugênio. Então você é o Doraci... Sua mãe me falou muito de você. Você estuda no noturno, não é?

Não era possível deixar passar esta oportunidade em brancas nuvens. Estava ali um aluno do noturno, na opinião de Eugênio, o mais prejudicado dentre os pobres que frequentam a escola.

— Chegue aqui — pediu Eugênio. Eu preciso muito falar com você.

e a escola vai ficando por isso mesmo.

Entrevista com Doraci (*)

- Doraci, como é o seu dia?
- Bom, eu acordo às 5 horas e saio correndo porque se não pego o ônibus das 6:00, nunca vou chegar às 7:00 no centro. Fico no bar trabalhando até as 18 horas e aí é aquele sufoco, porque o ônibus está sempre lotado, o trânsito ruim, é uma agonia sentir os minutos passando, tudo parado e eu precisando às 7 em ponto estar na escola senão fecha o portão e eu perco a primeira aula.
- Cê não janta antes de ir pra escola?
- Que qui é isso! E dá tempo?
- Como é esta estória de estudar e trabalhar?
- Não é mole não. Ainda bem que os professores são compreensivos, dão pouca matéria e não tem lição pra casa. Tem professor que falta bastante, é bom porque a gente sai mais cedo. E no fim do ano, estes que faltam acabam dando nota.
- Quando tem prova na escola, como você faz para estudar?
- Quando dá, estudo no bar mesmo. Deixo o livro escondido debaixo do balcão e dou umas lidas. Estudo no banheiro e na hora do almoço. E quando dá sorte de ir sentado, estudo no ônibus.



A escola é entendida como possível forma de superar dificuldades de vida, ascender socialmente, obter melhores empregos. Dessa forma, constitui expressão individualmente negadora da origem de classe. A passagem para um projeto coletivo, entretanto, depende da participação do indivíduo na dinâmica social em suas várias instâncias. A escolaridade pode contribuir para esta participação, embora não a determine nem direcione.

(Mello, 1982)

A escola faz pouca falta às crianças de classe média, que aprendem a ler antes de entrar para a escola. Entretanto, para as crianças pobres, a escola representa a única fonte de informação sobre quase tudo, a única possibilidade de aprender a ler, escrever e adquirir outras habilidades cognitivas.

(Rosenberg, 1981)

Investigação sobre uma cidadã acima de qualquer suspeita

Miguel tinha ouvido a conversa lá do quarto. Entre dois bocejos, comentou:

— Às vezes penso que tudo não passa mesmo de uma grande enganação. Os professores fazem de conta que ensinam, os alunos fazem de conta que aprendem e o noturno vai ficando por isso mesmo.

— O quadro que eu tenho agora está assim — disse Eugênio para si mesmo: de um lado, há os jovens que são reprovados, e acabam saindo da escola. De outro, os jovens que ficam na escola, mas recebem um ensino de qualidade inferior.

Olhou com firmeza Miguel, Dorali, Doraci e o papagaio Arubu.

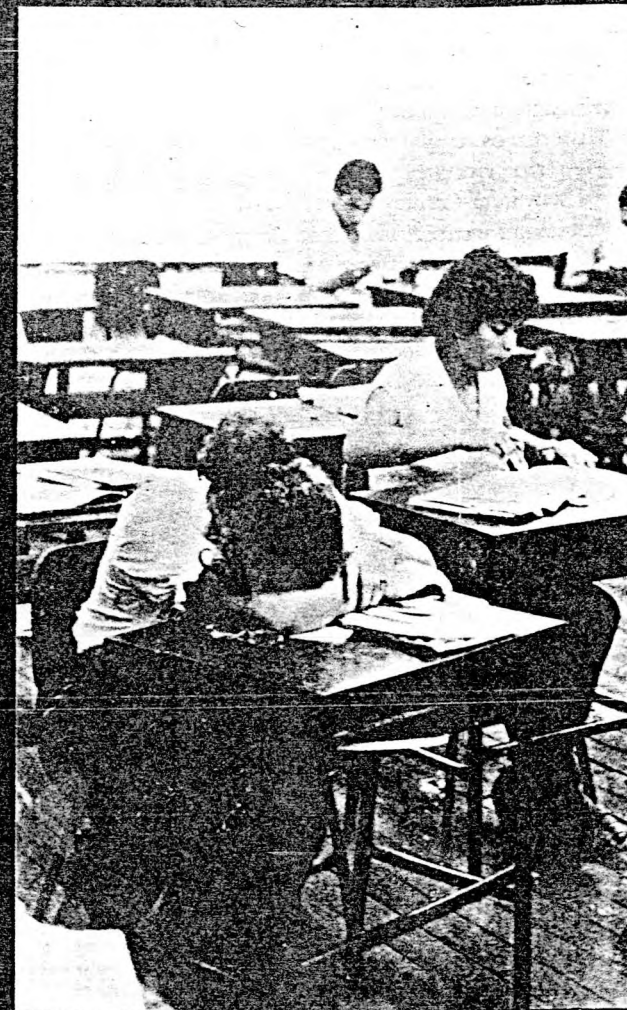
— Isto não é legal. Você, Doraci, e todos os alunos na sua condição, estão sendo vítimas de um verdadeiro crime. E eu não vou descansar enquanto não descobrir os responsáveis.

- Como é na escola?
- Tem uns professores legais, mas a maioria não quer nem saber. A gente aproveita e apronta a maior bagunça na classe. Tem os que falam, falam e a gente ali parado, escutando. Bate aquele sono, o olho quer fechar, a gente firma ele aberto, ele teima em fechar de novo, é ruim pra danar. Eu, na última aula sempre durmo.
- Você acha que vale a pena fazer todo este sacrifício para estudar?
- Eu faço pela minha mãe. Ela acha que com isso vou poder arrumar emprego melhor, vencer na vida e ajudar ela.

Há diferenciações qualitativas dentro de redes escolares aparentemente unificadas, com barateamento do ensino das camadas populares.

(Mello, 1982)

(*) Baseada em Pezzollo, 1981



Investigação sobre uma cidadã acima de qualquer suspeita 2

Onde se procura, por todos os meios, absolver a escola de qualquer responsabilidade pelo fracasso escolar dos alunos	19
Onde são feitas terríveis revelações sobre a realidade do Professor	21
Onde se presencia a dramática Via Sacra da escola pública.....	22
Primeiro Mistério: os regulamentos em ação	23
Segundo Mistério: vicissitudes do Diretor, perdido na escola, sem funcionários, sem infra-estrutura, sem	24
Terceiro Mistério: a institucionalização do caos. Onde foi parar o planejamento? A integração da equipe?	27
Quarto Mistério: Incrível! Mesmo com toda lama tem gente que ainda vai levando esta chama!	31
Onde o noturno é sintetizado numa original receita: "De como fazer fracassos"	35

- Onde se procura, por todos os meios, absolver a escola de qualquer responsabilidade pelo fracasso escolar dos alunos

– Não descansarei enquanto não descobrir os responsáveis! declarou solenemente Eugênio. Finalmente chegara o momento de colocar em ação os conhecimentos que a literatura policial lhe fornecera.

– Vítima, eu?! deslumbrou-se Doraci ao se ver alçado a tão protagonista papel

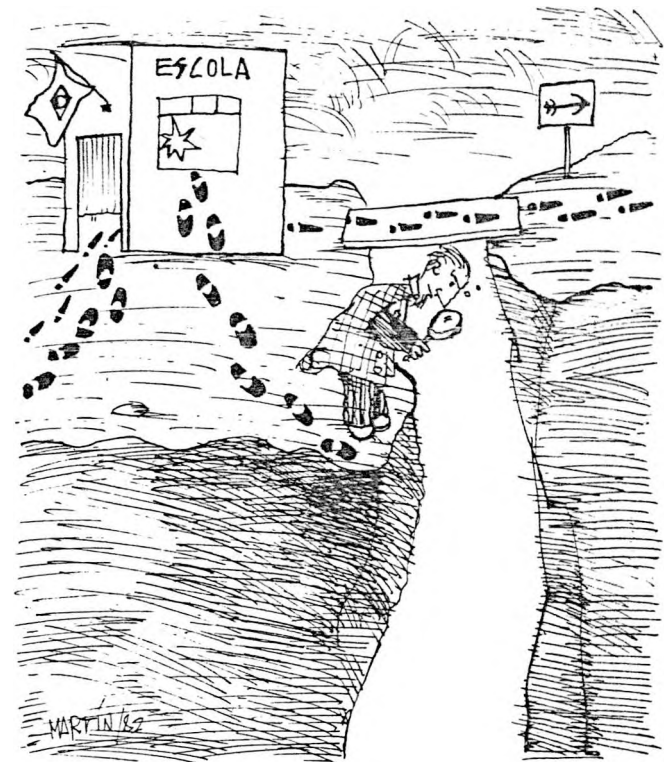
Dorali benzeu-se apavorada:

– Valha-me Deus, Nossa Senhora! Meu Doraci vítima de crime?

– Por acaso não é crime negar oportunidade de estudo a quem trabalha? Dar a quem trabalha um ensino de qualidade inferior não é crime? metralhou Eugênio.

– Devagar, ponderou Miguel com uma pontinha de irritação. Será que o tio não conseguia tirar o assunto – escola – da cabeça, nem em sábado de sol? Já discutimos tanto isso... Só há um responsável pelo fato de Doraci precisar dar duro oito horas por dia e chegar na escola um bagaço sem alma, incapaz de absorver o que ela pode e quer lhe oferecer: É A SITUAÇÃO ECONÔMICA – declarou o professor, enfático. Depois disso, ficar apregoando que vai sair à cata de responsáveis é chover no molhado.

– Sente aí e tome seu café, Miguel – falou o tio, imperturbável. Quem está chovendo no molhado é você, quando insiste em



“explicações” do tipo: “aluno pobre não aprende porque é pobre”.

“Aluno que trabalha sai da escola porque trabalha”. Isso pra mim não acrescenta nada.

Eugênio recostou-se na cadeira e encarou decidido o sobrinho.

– Só poderemos desvendar o mistério do fracasso dos alunos do noturno depois de profundas e minuciosas investigações. Para seu governo, eu já as iniciei. Você, por exemplo, me deu uma parte de sua versão dos fatos. Já colhi o depoimento da vítima aqui presente e de sua mãe, dona Dorali. Será preciso ouvir todos os envolvidos neste atentado ao direito de educar-se.

O detetive improvisado serviu-se de mais uma fatia de pão com margarina.

– Segunda-feira sem falta irei visitar o local do crime.

– Local do crime? Que local do crime? indagou Miguel, de orelha em pé.

– A escola, ora essa!

A escola é marginalizadora e selecionadora dos alunos pobres, bem como a prática docente: os milhares que repetem e abandonam a escola foram alunos de alguém.

(Mello, 1982)



— Minha Santa Periquita! É demais! bufou Miguel.

Pela exclamação do professor. Doraci percebeu que as coisas estavam ficando pretas.

— Seu Eugênio! apelou o menino, tentando aplacar os ânimos. Carece de ir na escola não. Eu tô com as notas ruins e pode ser até que este ano eu repita. Mas se isto acontecer, eu sei porque. É porque baguncei demais, teve vez que faltei por besteira, não tive força de vontade pra estudar e não dormi na aula... A culpa é minha mesmo... — suspirou resignado.

Para justificar o fato de que nem todos conseguem usufruir as benesses educacionais, usa-se a ideologia dos dotes naturais: — “as causas devem ser buscadas em certas características dos indivíduos ou grupos de indivíduos.” (...) Os excluídos assumem a culpa de seu fracasso, se considerando incapazes de aprender por burrice ou falta de força de vontade.

(Rosenberg, 1981)

— Tá vendo? — era Miguel, triunfante. Os alunos, os próprios alunos, reconhecem que a escola faz por eles tudo o que é possível.

— Miguel, Miguel... Repare no que você está aprontando. Culpa a vítima pelo crime! E o pior é que a vítima concorda com esta injustiça!

— Tio, o senhor não distorça o meu pensamento. Eu não estou

Sustento que o aluno pobre, mesmo trabalhando, é um ser humano capaz de aprender como outro qualquer.

culpando aluno nenhum. Disse e repito mil vezes se preciso for: o responsável por tudo é a pobreza.

— Nã-nã-não! Você não pode culpar somente a pobreza e desta forma absolver a escola. assim sem mais nem menos! Sustento que o aluno pobre, mesmo trabalhando, é um ser humano capaz de aprender como outro qualquer.

— Será tio? Será?

Depois de passar o dia inteiro muitas vezes carregando peso pra cima ou pra baixo, o que vem pra sala de aula é uma sobra de gente, é a sombra de uma pessoa. O que é que se pode fazer com esses alunos, meu velho? Sabe o que eles querem da escola? Em primeiro lugar, conseguir o tal diploma que não serve para nada. Em segundo lugar, querem encontrar os amigos, namorar, esquecer por algumas horas a dureza do dia a dia. É ou não é, Doraci?

— Bom, o que tem mesmo de melhor na escola é os colegas, é a amizade que a gente faz lá, — respondeu o menino meio envergonhado, esfregando um pé em cima do outro.

— Está aí, tio. Pare de procurar chifre em cabeça de minhoca.

• Onde são feitas terríveis revelações sobre a realidade do professor

— Não adianta, meu filho. Você não quer mesmo enxergar, mas a escola é o local do crime e eu preciso ir lá fazer as minhas investigações.

— EU NÃO ADMITO QUE O SENHOR SUSPEITE DE MIM!!!

Foi um berro tão alto que Doraci e Arubu até taparam os ouvidos.

— Mas você não é a escola, Miguel. Calma no Brasil.

— Sei, sei! ... No fim a bomba vai acabar estourando na minha mão. Nós professores, sempre ficamos no papel de bode expiatório. Querem que a gente faça milagres. Os burocratas do ensino ficam sentadinhos em suas salas com ar refrigerado, incubando pacotes que jogam em cima de nós, sem se preocupar se há ou não condições de executá-los. Quando as coisas não funcionam, os culpados somos nós. Bota um desses mastigadores de papel dando aula no noturno. Ai eu queria ver!

Existe uma grande tendência para achar boa a escola que seleciona os mais aptos ao estudo. 44% dos professores entrevistados acha negativo o sistema atual de 8 séries. Afirmando que a eliminação do exame de admissão fez com que os alunos se esforçassem menos e ingressassem na 5ª série sem as habilidades fundamentais, provocando uma queda na qualidade do ensino. Esta resposta apóia-se no pressuposto (falso) de que unicamente o nível de preparo da clientela constitui garantia para um ensino mais qualificado. . .

(Silva, 1981)

Se ao menos houvesse algum material para trabalhar com eles! Na minha escola não temos nada: nem mapas, nem dicionários, nem régua... Papel pra rodar provas e exercícios para os alunos, compramos do nosso bolso.

Como é que de pedra vamos tirar leite pra alimentar este pessoal, que eles amontoam de qualquer jeito nas classes superlotadas, já prevendo a evasão inevitável?

— Dá licença de um palpite? intrometeu-se Arubu. Parece que a quantidade de alunos na classe influencia negativamente a taxa de aprovação. No noturno o número médio dos alunos por sala é sempre maior que no diurno e vai muito além de 35. (São Paulo, SEE, 1982a)

— É claro que há influência negativa, corroborou o professor. É só comparar as taxas de perdas em classes com até 35 alunos e em classes com 36 e mais alunos. Quem é mais prejudicado nisso é o noturno. Veja:

ESTADO DE SÃO PAULO
REDE ESTADUAL
1º GRAU – 5ª SÉRIE

Distribuição percentual das classes de diferentes tamanhos e dos períodos diurno e noturno, segundo a porcentagem de perdas* de discentes no ano letivo de 1980.

PORCENTAGEM DE PERDAS NO ANO LETIVO DE 1981	LOTAÇÃO DAS CLASSES			
	ATÉ 35 ALUNOS PERÍODO DIURNO	36 E MAIS ALUNOS PERÍODO NOTURNO	36 E MAIS ALUNOS PERÍODO DIURNO	36 E MAIS ALUNOS PERÍODO NOTURNO
Até 29%	29	33,4	33,3	12
De 30 a 49%	65	—	33,3	06
De 50% e mais	06	66,6	33,3	82
TOTAL %	100	100	100	100

* Perdas = entende-se por "perda" a porcentagem sobre a matrícula inicial de alunos evadidos mais os alunos reprovados em dado ano letivo.

(Leme, 1981)

O que me assusta, prosseguiu Miguel, é que, pelo número de classes ociosas que há no noturno, não seria necessário aglomerá-los no início do ano, como é feito. Repare nestes dados:

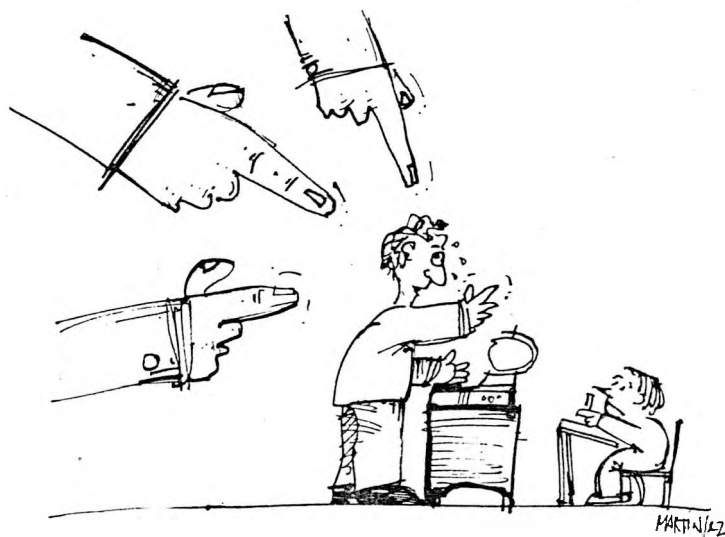
Porcentagem de ociosidade de salas de aula no noturno em 1981.
Capital – 47,06% de salas ociosas
Outros Municípios da Grande São Paulo – 58,43% de salas ociosas

(São Paulo, SEE, 1982b)

Com todos esses absurdos, nós fazemos o possível e o impossível, mas continuamos tocando o barco. Entretanto, de todos os lados, só nos chegam críticas. Se o aluno repete, é porque somos exigentes demais. Se passa, é porque estamos dando nota e descuidando da qualidade do ensino. O aluno é sempre a vítima! E os professores, não são vítimas também?

Eugênio estava impressionado.
— Acho que você tem razão, meu filho. Mas o local do crime continua sendo a escola e nenhuma força deste mundo vai me impedir de ir lá.

• Onde se presencia a dramática Via Sacra da escola pública.



Na segunda-feira, Eugênio saiu em campo. Doraci ia com ele. Naquela noite fora dispensado das aulas.

— Os professores avisaram a gente que não era pra vir hoje — explicou ele. A Dona Iolanda de Artes vai levar uma turma pra assistir teatro no centro. Quem não pudesse ir ver a peça não precisava aparecer na escola.

Estava assanhadíssimo com esta estória de ser promovido a vítima, e queria por tudo participar das investigações.

Os regulamentos e as exigências escolares também são vistos como a causa de muitos dos problemas que os alunos e os pais têm de enfrentar. O horário rígido da escola é muito criticado. Ele não é estabelecido em função dos interesses e da situação real da população, mas sim em função de critérios definidos pelas autoridades de ensino e que ninguém entende. (...) um aluno que mora longe e que chega 5 ou 10 minutos atrasado, é obrigado a perder todas as aulas do dia. "Cinco pras sete fecha o portão. Se não chega, não entra."

(Ceccon, C.; Oliveira, M. Oliveira R., 1982)

PRIMEIRO MISTÉRIO:

Os Regulamentos em Ação.

A primeira dificuldade que encontraram foi entrar na escola. Eram sete horas da noite e um minuto. O portão fechava religiosamente às sete.

Do lado de fora estava um monte de alunos reclamando. Aquela choradeira:

— Eu venho de longe, seu porteiro! A condução tava ruim! Não vê que choveu? Por favor!
— Só hoje, seu Juvenal! Deixa a gente entrar!

— Toda vez vocês vêm com esta estória. Que a condução isto, que o trânsito aquilo. Querem é moleza, rosnou Juvenal.

— Hoje é dia de prova! Puxa vida, vou ficar com zero outra vez em Matemática.

— Deixa a moçada entrar, homem de Deus! intercedeu Eugênio.

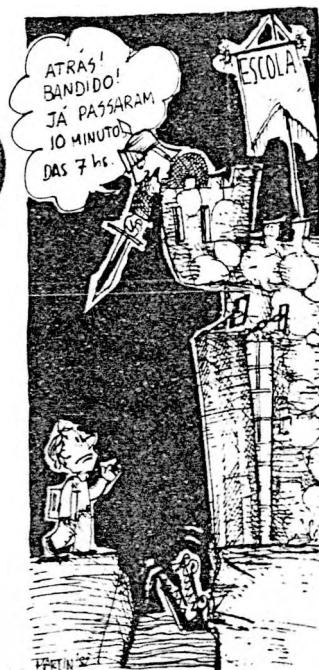
— Regulamento é regulamento! foi a resposta.

Prevendo confusão, Doraci cutucou o companheiro:

— Insiste não, seu Eugênio.
— Ah, o senhor é cumpridor da lei? retrucou Eugênio ao porteiro. Então veja isto aqui: é a Constituição, a Lei maior deste Brasil. Leia: "Educação é direito de todos". Portanto, esse pessoal todo vai entrar na escola, sim senhor!

Foi falando e escancarando o portão:

— Avança, cambada! A escola é de vocês!



Regulamento é regulamento!

-- Isso vai dar bode! retrucou Doraci.

Dito e feito. Os alunos iam entrando meio receosos, quando desceu pela rampa da escola um senhor com cara de poucos amigos.

-- Que baderna é essa, seu Juvenal? gritou pro porteiro. E pros alunos:

-- Pra fora! Pra fora! Vou anotar o nome de vocês. Amanhã vão ser todos suspensos. Estão cansados de saber que depois das sete não entra ninguém! Ninguém!

-- Foi este homem aqui que provocou o tumulto, dedou seu Juvenal, apontando Eugênio.

-- Vou já chamar a Rádio Patrulha.

"A rigidez de controle, traduzida pelas portas fechadas, intolerância de atrasos, vigilância contínua das entradas e saídas, é justificada principalmente pela presença de 'desocupados' que rodeiam a escola. Estes desocupados são jovens, também alunos de cursos noturnos de outras escolas, que vão visitar os amigos, a fim de melhor aproveitar a 'válvula de escape' que é a escola noturna, para o aluno que tenta combinar trabalho e escola." (Depoimento de uma professora de noturno).

(Pezzollo, 1981)

Eugênio e Doraci se afastaram da escola o mais rápido que puderam, procurando manter a dignidade. O pobre homem estava um tanto ou quanto escandalizado.

-- O senhor não devia ter feito o que fez -- recriminou o garoto. O moço teve razão em ficar bravo. E que em volta de escola fica muito mau elemento, gente que só quer aprontar. Ele confundiu o senhor com um desses.

Eugênio, quieto, dava tratos à bola procurando entender.

-- Se eles são tão exigentes em relação a outros aspectos do funcionamento da escola como em relação ao horário, quer dizer que existe uma boa organização por trás disso -- pensou. No fundo, querem dar melhor atendimento ao aluno. Mas não é justo que por um ou dois minutos de atraso, aquela gente toda tenha ficado sem aula.

SEGUNDO MISTÉRIO:

Vicissitudes do Diretor,
perdido na escola.

sem funcionários

sem infra-estrutura

sem...

sem...

Na escola seguinte, o diretor não estava.

No período noturno da "C.R." é o assistente de direção quem responde pela Escola, pois, de acordo com as normas regimentais, uma das atribuições do assistente é "responder pela direção da escola no horário que lhe for confiada". Em geral o diretor "visita" o período noturno uma ou duas vezes por semana, quase sempre na ausência do assistente e apenas por algumas horas. Os alunos do noturno mal sabem o nome da Diretora e consideram sua presença como meramente formal, já que os problemas só podem ser tratados com a auxiliar (...). Essa prática, adotada, geralmente em todas as escolas públicas de 1ª e 2ª graus que funcionam também à noite, configura uma divisão administrativa entre os períodos, isolando o noturno dos demais períodos.

(Pezzollo, 1981)

-- Ele fica mais é no período da manhã e da tarde. À noite aparece só de quando em vez. Está dando aula na Faculdade, nesse horário -- informou o porteiro língua-de-trapo.

-- E quem fica responsável pelo noturno?

-- Às vezes fica a assistente, às vezes não fica ninguém não. É só os

professores e os alunos.

Cabisbaixo, Eugênio seguiu caminho.

Na outra escola em que entraram, a Diretora estava.

-- Dona Ivete? É aquela ali com a vassoura, apontou um professor que ia saindo.

Aproximaram-se. Era uma cena estranha: aquela senhora alinhada, sapatos de verniz preto, cabelos arrumados, munida de uma vassoura de piaçaba, limpava energicamente a área à sua volta.

Doraci e Eugênio ficaram parados olhando até que a diretora ao perceber a presença, interrompeu o serviço.

-- O senhor deseja? ...

-- perguntou um pouco impaciente.

-- Dona Ivete? Boa noite, como vai a senhora, como está a família? Minha graça é Eugênio, ao seu dispor, muito prazer.

-- Sim, sim, seu Eugênio, mas o senhor queria mesmo? ...

-- Sabe o que é, dona ... Eu queria falar com a senhora a respeito do noturno.

-- Do noturno? Dona Ivete olhou-os de uma tal maneira que os três pensaram que iriam ser eliminados a golpes de vassoura. Mas o que aconteceu foi imprevisto.

A Diretora simplesmente desmoronou sobre uma carteira velha encostada ali por perto e caiu no choro.

-- Noturno!! -- soluçou. Tinha que acontecer comigo! E por que comigo, meu Deus?! O que fiz eu pra merecer este castigo? Olhe, moço, eu sempre fui cumpridora dos meus deveres. Trabalhei a vida inteira, nunca prejudiquei ninguém. E o que recebo em troca? Inventam de pôr noturno justo na minha escola.

Eugênio, consternado, ofereceu um lenço a Dona Ivete (não



agüentava ver mulher chorando). Depois de assoar o nariz mudou o tom, que de lamurioso passou a belicoso.

— Este pessoal do noturno é pior do que bando de índio. E eu aqui sozinha pra defender o forte!

Pegou Eugênio pelo braço e foi mostrando.

— Está vendo estas vidracas quebradas? Foram *Eles*, ainda agorinha. As maçanetas das portas destruídas? *Eles*. Estas carteiras desconjuntadas? *Eles*. Não quero mencionar como *Eles* deixam os banheiros. É um horror. ... Ah ... E toda semana me telefonam:

“ — Tem traficante rondando a escola! ” Toca eu pra cá, bancar a policial.

“... foi freqüente que (os diretores) qualificassem os alunos como rebeldes, badermeiros, marginais e outros adjetivos depreciativos. Em suas observações havia críticas contundentes à clientela, segundo eles, composta de alunos que se, por um lado, se rebelavam contra as normas disciplinares da escola, por outro se mostravam apáticos e desinteressados pelos conteúdos pedagógicos.”

(Tenca, 1982)

... e o senhor pensa que me mandam mais funcionários, para dar conta deste riscado? NÃO.

Hoje entrou de licença a única servente da noite. Eu tive que varrer o pátio porque aqueles vidros no chão estavam um perigo.

Outro dia, a merendeira faltou. Eu é que fui para a cozinha. Diga com sinceridade:

— O senhor acha que eu mereço isto?

Uma algazarra parecendo começo de quebra-quebra em trem de subúrbio mudou o rumo da conversa.

— O que é isso?! assustou-se Eugênio.

— Meu Deus! São as três classes que estão sem aula e não podem descer para o pátio porque as luzes estão queimadas.

— Por que a senhora não manda os alunos irem ler na biblioteca? sugeriu aflito Eugênio.

— E quem toma conta? Não há funcionário.

— Então deixe que se divirtam na quadra de esportes!

— Como, se também não tem luz?!

Dona Ivete pôs as mãos na cabeça e saiu correndo na direção da barulheira. Pelo jeito, os inspetores de aluno haviam faltado naquela noite.

Grande parte dos diretores mencionou as tarefas a que se dedica, sem no entanto mencionar o tempo empregado nelas. Dos que se incluem nessa categoria, a maior porcentagem dedica-se a tarefas administrativas (28,1%), seguidos dos que

responderam desempenhar serviços de outros funcionários (26%). É relevante também o número dos que responderam realizar trabalhos burocráticos (22,9%). Os dados indicam também que a ocupação do diretor em tarefas técnico-pedagógicas é bastante reduzida. Como não é grande o número de escolas que possuem coordenador pedagógico, supõe-se que os diretores, não dispondo de tempo para dedicar-se a esse trabalho, permitem que as decisões fiquem exclusivamente a critério dos professores.

(Barretto, 1981)

Mergulhado em profundas elocubrações, Eugênio voltou para casa. Doraci ia chutando pedrinhas. Havia esperado maiores emoções.

Ao abrir a porta do apartamento, foi recebido por um Miguel que recuperara o bom humor.

— E então, tio? É hoje que o senhor larga este ofício de detetive? Isto não tem futuro não!

Eugênio retrucou com um samba, na sua voz de baixo profundo:

— “Ah, se eu tivesse quem bem me quisesse.

este alguém me diria:

Desiste, esta busca é inútil, eu não desistia!”...

E o papagaio Arubu completou, gozando:

— “Porém, com perfeita paciência, ele segue a procurar, sem encontrar” ...

— Psiu, psidácida incompetente. Já encontrei muitos indícios, muitas pistas. Está tudo registrado aqui na cachola. Como eu suspeitava, além da vítima principal, aqui representada, há outras. O caso é complexo. Mas iremos deslindá-lo, peça por peça!

Miguel, ande, colabore comigo. Deixe eu passar amanhã na sua escola. Com recomendação sua, a Diretora certamente me dará um depoimento completo.

— Está bem, tio.

Às sete em ponto, no dia seguinte, Eugênio estava diante da Diretora de Miguel, no Tucuruvi.

TERCEIRO MISTÉRIO:

A Institucionalização do Caos

Onde foi parar

o planejamento...?

a integração da equipe...?

Entrevista com a Diretora, Dona Nilce

O que ela disse

D. Nilce: Muito prazer em atender o senhor, seu Eugênio!

O que ela pensou

É mais um desses pesquisadores que vêm fuxicar a vida da escola a troco de nada. Só converso com ele por causa do Miguel que é ótimo. Vou dizer a ele apenas o que ele tem vontade de ouvir.

Pergunta: Há quanto tempo a senhora trabalha nesta escola, dona Nilce?

Resposta: Há um ano e meio...

... e estou baralhando pra me remover deste fim de mundo o mais rápido possível.

Boa parte dos diretores da pesquisa estava na escola há menos de onze meses (39,6%) tanto nas escolas carentes como nas não-carentes. 76% dos diretores da Grande São Paulo e 54% dos diretores do interior, tinham menos de dois anos na direção da escola. Este dado evidencia a grande mobilidade de diretores.



Os diretores com maior tempo de direção encontram-se em escolas não-carentes.

(Barretto, 1981)

Pergunta: A que a senhora atribui o baixo aproveitamento dos alunos do noturno?

Resposta: A causa principal é o desestímulo que representa o trabalho do aluno. Eles vêm cansados, mal alimentados. São apáticos, desinteressados, ou turbulentos. Desistem com facilidade.

Todo ano estes alunos repetem em massa. Sempre foi assim e sempre vai ser.

Há consideráveis provas indicando que as pessoas podem tornar-se aquilo que outras pensam que elas são.

(Postman e Weingartner, 1969)

Pergunta: Que medidas sua escola vem tomando em relação ao fracasso escolar dos alunos?

Resposta: Os professores são sensíveis às dificuldades que os alunos que trabalham apresentam para estudar, por isso exigem menos deles.

Fora os sermões e advertências não há nada de concreto. Pelo menos que eu saiba.

Pergunta: Não há recuperação para os alunos com maiores dificuldades?

Resposta: Ah, sim, fazemos recuperação contínua durante o período e intensiva ao final do bimestre.

Esses alunos têm muitas dificuldades. São irrecuperáveis.

Entre os professores entrevistados 85% acredita que a recuperação não deveria funcionar como vem sendo feita, isto é, ao final de cada bimestre. Para 54% deles a melhor alternativa seria a recuperação feita continuamente, em horário diferente do da aula normal.

(Silva, 1981)

Pergunta: Como é feito o planejamento em sua escola?

Resposta: Nos reunimos, e depois de fazer o diagnóstico da clientela, traçamos os objetivos e as metas prioritárias para o ano em curso, bem como as estratégias para atingi-los.

E dá tempo pra fazer planejamento? Copiamos sempre o do ano passado com as alterações mínimas indispensáveis.

Pergunta: A caracterização da clientela, na sua opinião, é útil para o professor?

Resposta: Claro. Só assim é possível traçar objetivos realistas.

Ela não é necessária. O professor só de olhar já conhece o pessoal que tem na mão.

A caracterização da clientela é colocada como uma exigência pelos que conceberam o Plano Escolar, exatamente porque constitui um dado imprescindível para a sua formulação adequada e realista. Na prática, entretanto, parece constituir apenas um conjunto de dados que ninguém sabe exatamente como devem estar articulados às tarefas específicas exigidas no desempenho administrativo e pedagógico da escola. (...) Quanto ao uso desses dados, suspeita-se pelas observações feitas pelos sujeitos no decorrer das entrevistas que, em geral, eles servem para fazer uma assistência social aos mais pobres, via A.P.M., e nada além disso.

(Barretto, 1981)



Os professores não costumam fazer estudo, ainda que superficial, de sua clientela no início do ano. Acham que se o aluno foi promovido, é porque cumpriu satisfatoriamente as exigências da série anterior, e se foi reprovado, é porque não as cumpriu. Ambas as hipóteses são pressupostos radicais. Não existe mesmo qualquer tipo de anotação sobre as habilidades e conteúdos adquiridos pelos alunos durante o ano letivo.

(Silva, 1981)

Pergunta: Os professores recebem algum tipo de orientação pedagógica?

Resposta: Temos coordenadora pedagógica.

... que só se ocupa com os professores de 1ª à 4ª série.

... e os subsídios enviados pela Secretaria de Educação foram distribuídos aos professores.

... mas não são lidos por ninguém.

Pergunta: Como são planejadas as avaliações?

Resposta: De acordo com o nível de dificuldade da classe, com o conhecimento dos professores da mesma série e da série subsequente, e sob orientação da coordenadora pedagógica ou minha.

Cada professor faz a sua, independentemente.

Sempre que a avaliação ficar entregue exclusivamente ao professor ou à Direção, estará sujeita a decisões individualizadas e arbitrárias, que devem estar ausentes do trabalho escolar.

(Silva, 1981)

Pergunta: E o entrosamento com a comunidade, existe?

Resposta: Sim, fazemos reuniões bimestrais para dialogar com os pais.

Fazemos as reuniões. Só faltam os pais.

O comparecimento dos pais às reuniões é muito baixo, especialmente nas escolas carentes. Os que faltam são os pais de alunos com maiores problemas e de nível sócio-econômico mais baixo. Eles têm vergonha de sua pobreza, e receio de ouvir comentários desagradáveis sobre os filhos.

(Barretto, 1981)

Pergunta: Só para terminar: qual sua opinião sobre a equipe de professores?

Resposta: É um pessoal entusiasmadíssimo.

Não consigo conhecer todos eles. Mudam tanto!

Muitos alunos responsabilizam o "rodízio" de professores pelas reprovações: "muda muito de professor. No ano passado tivemos quatro substitutas só de Ciências. Foram uns três professores por cada matéria. Nem dá para saber os nomes e já mudam."

A maioria dos professores do noturno fica com as aulas excedentes. A escolha destas aulas é feita de maneira que os professores com maior titulação ou maior tempo de serviço escolhem as aulas de manhã e da tarde, restando para o noturno os com menor número de pontos.

(Pezzollo, 1981)

O número de aulas nas escolas pequenas e em quase todas as carentes não perfaz o limite de aulas previsto para o professor. Desta maneira, os professores são obrigados a se deslocar de uma escola a outra para garantir o número de aulas suficiente para se manter. O constante deslocamento desses professores não só acarreta imenso desgaste para eles como lhes rouba toda e qualquer possibilidade de criar vínculos mais permanentes com a escola e a comunidade.

(Barreto, 1981)

"A extinção dos cursos noturnos tal como vem sendo proposta por alguns segmentos da rede, ou como vem ocorrendo, de modo velado, em muitas unidades de ensino, como decorrência das dificuldades relativas ao seu funcionamento, longe de resolver a questão da escolarização desses setores da população, agravaria, a nosso ver, os problemas por eles enfrentados para continuar estudando."

(Tenca, 1982)

Eugênio ficou impressionadíssimo com a entrevista.

— É incrível como numa escola maravilhosa dessas, 60 por cento dos alunos são reprovados! Disse e no mesmo instante, no seu cérebro uma luzinha vermelha acendeu:

— Aqui tem dente de coelho, pensou.

Pergunta: Uma última questão, D. Nilce. O que a senhora acha da abertura de novas classes de noturno?

Resposta: Ótima iniciativa, que responde a uma necessidade dos trabalhadores.

Contanto que não coloquem mais classes na minha escola! Pra mim, este noturno devia era ser riscado do mapa. Só represento aumento de serviço e de dores de cabeça.

QUARTO MISTÉRIO:

Incrível!

Mesmo com toda lama,

Tem gente que ainda vai levando esta chama!

Eugênio agradeceu Dona Nilce e foi saindo. Ao passar pela sala dos professores ouviu ruído de conversa.

— Hora do intervalo!

Embora não fosse do seu estilo escutar atrás de portas, achou que desta vez os fins justificavam os meios. Seu faro de detetive lhe dizia que informações inestimáveis poderiam ser obtidas ao preço desta "pequena" indiscrição. Pôs os escríptulos entre parênteses e fingiu estar lendo o quadro mural que ficava ao lado da porta. Foi como conseguiu "pescar" os seguintes trechos de diálogo:

Fragmento 1

Prof. A: Menina, estou desesperada com a programação de Português! Pelo jeito vou ter de cortar quase a metade! O pessoal não tem base nenhuma. Preciso ficar voltando, voltando. Quando penso que aprenderam, dou uma prova:

já esqueceram tudo. Toca a repetir outra vez. É um suplício.

Prof. B: Pois eu não tenho culpa de aprovarem aluno sem condições. Estou é largando brasa. Quem entendeu, entendeu. Quem não entendeu, entendesse. Problema deles. Antes do fim do ano, quero ter vencido o livro inteirinho!

Prof. C (para B): Que adianta correr com a matéria, só pra ter a ilusão de que se está fazendo alguma coisa? Eu também resolvi reduzir os conteúdos. Mas aí me veio uma preocupação: será que o professor da série seguinte vai retomar estes conteúdos do ponto onde eu parei? Seria preciso fazer reuniões por área, pra gente resolver estas coisas em conjunto. Senão, quem se prejudica é o aluno.

Prof. B (para C): Acorda, bela adormecida! Reunião pra quê? Você sabe muito bem que todo ano mudam os professores!

Prof. A (para C): Gostei desta idéia de reunião! A gente poderia ao menos tentar...

75% dos professores afirmam que não são capazes de seguir o planejamento feito no início do ano. Preocupados em tornar o ensino mais acessível aos seus alunos fazem adaptações que são fruto das circunstâncias; mais uma busca de respostas a desafios imediatos que reflexões integrantes de um plano articulado. As medidas de adaptação tomadas mais freqüentemente (redução de conteúdo e aceleração do ritmo) enquanto decisões arbitrárias e individuais, levam a um barateamento do ensino dos alunos pobres, com reprovações posteriores, caso os professores das séries seguintes não aceitem recuperar tais alunos.

(Silva, 1981)

Eugênio ouvia e pensava:
— Na prática a teoria é outra... Continuou escutando as conversas.

Fragmento 2

Prof. F: Terça-feira é o pior dia da semana pra mim. Hoje dou aula

Fragmento 3

Grupo arromba e depreda a escola

Fato acontece pela terceira vez, em Vila Prel

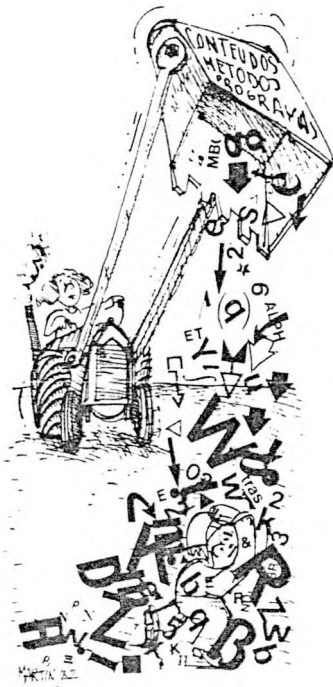
Arrombando trincos, fechaduras e cadeados, na madrugada de domingo para segunda-feira, um grupo penetrou na Escola Municipal de 1º Grau "Coronel Luiz Tenório de Brito" e destruiu tudo o que estava ao seu alcance. Ontem, o prédio, situado à rua Beldomero Carqueja, 214, Vila Prel, zona sul da cidade, ainda guardava as marcas desta violenta invasão: carteiras arremessadas contra as paredes, vidros e azulejos quebrados, armários destruídos e portas arrancadas.

Esta é a terceira vez, em apenas dois meses, que a escola é depredada e, como a 5ª Delegacia de Polícia de Campo Limpo "negou-se a tomar qualquer providência", membros da diretoria da Sociedade Amigos das Adjacências da Estrada de Itapeperica resolveram denunciar o fato à "Folha Emergência".

Eles acreditam que, assim como as anteriores, esta invasão foi realizada por alunos do próprio colégio, descontentes com a atuação da atual diretora. Apontam como provas desta suspeita as pichações efetuadas nos muros do pátio interno do estabelecimento, onde se lê: "Abaixo a Diretora" e alguns palavrões.

Como nada foi feito e as violências sucediam-se, a própria vizinhança resolveu criar um plantão diário, em sistema rotativo, para manter a vigilância do estabelecimento. Aos sábados à noite, o dia mais crítico, permaneciam no local três membros da Sociedade Amigos das Adjacências da Estrada de Itapeperica. Porém, mesmo assim, novas invasões ocorreram e agora a vizinhança está pensando até em formar um "esquadrão armado", já que dificilmente um carro de polícia é visto nas proximidades.

(Folha de S. Paulo, 13/10/82)



em quatro escolas, cada uma num bairro. É fogo!

Prof. G: Não sei como você aguenta. Eu, amanhã, vou faltar.

Prof. F: Outra vez? Sexta-feira passada você já não veio...

Prof. G: Falta abonada existe pra quê? É olhe, minha filha, se eu cismar, pego uma licença. Estou esgotada. Não sou de ferro, sou de carne e osso.

Prof. F: Gozado, eu não consigo faltar. Reconheço que às vezes tenho vontade de jogar tudo pro alto e sair do sério. Mas não dá. Penso nos alunos que trabalharam o dia inteiro como eu e estão na escola me esperando. O aluno não pode pagar o pato.

Prof. G: Você é boba mesmo. Os alunos dão graças a Deus quando a gente falta e eles podem sair mais cedo.

Prof. F: Não sinto isso em relação aos meus alunos. Acho que eles gostam da minha aula, que é bastante movimentada. Se eu não viesse, ficariam decepcionados, tenho certeza.

Prof. H (lendo a notícia ao lado): Você já reparou como estes atos de violência dos alunos contra a escola estão se tornando frequentes?

Prof. I: Talvez seja resposta à violência da escola contra eles...

Prof. H: Como assim?

Prof. I (cauteloso): Não digo que seja o nosso caso, mas em muitas escolas por aí o aluno é todo o tempo agredido pelo ambiente escolar que não leva em consideração suas necessidades e limitações. Há casos onde o próprio professor chega ao cúmulo de humilhar e ridicularizar alunos com dificuldades...

Prof. H: Absurdo! Isto é conversa de quem quer indispor a opinião pública contra os professores. Foram os alunos que nestes últimos tempos deram de humilhar e ridicularizar o professor. Perderam completamente o respeito. Não querem aprender.

Prof. I: Eu às vezes me pergunto se o problema todo não reside na dificuldade que nós professores estamos encontrando em interessar os alunos pela matéria que ensinamos. Não é apenas o cansaço o responsável pela apatia, pela indisciplina, MAS O FATO DOS ALUNOS NÃO ENXERGAREM NENHUM SENTIDO NAQUILO QUE LHES ESTAMOS ENSINANDO.

Não há maneira alguma de ajudar um estudante a ser disciplinado, ativo e profundamente interessado se ele não perceber que seja o que for que se destina a ser aprendido é digno de ser aprendido. Ninguém aprenderá nunca uma coisa que não quer saber.

(Postman e Weingartner, 1969)

Prof. J (para I): Concordo com você. E se não conseguimos motivar os alunos é porque muitos de nós já não acreditam na importância do que ensinam. Cumprimos o programa porque somos obrigados a isso, não porque estejamos convencidos de que seja necessário para a vida de nosso aluno.

(Abrindo um livro de Português ao acaso):

— Veja: por que razão no mundo um aluno de 6ª série do noturno precisa saber que os pronomes átonos são proclíticos, mesoclíticos e enclíticos?

E tem mais: algumas vezes somos violentos com os alunos porque

estamos sendo também vítimas de violência. Não nos escutam. Somos meros cumpridores de ordens. Não nos consultam ao fazer reformas. De repente nos vimos copiando planejamento, traçando objetivos e estratégias sem saber direito pra quê, nem porque. A impressão é que os lá de cima partem do princípio que somos incompetentes para dar qualquer palpite...

Prof. I: ... da mesma forma como muitos de nós também partimos do princípio que os alunos são burros, desinteressados, incapazes de aprender. ESTAMOS PRESOS NUM CÍRCULO VICIOSO!

Tente escutar seus alunos

(seus professores, seus diretores...) durante um dia ou dois. A única maneira de saber onde alguém quer chegar (para eventualmente até poder contribuir na mudança desta direção) é escutando o que este alguém tem a dizer. Não se pode fazer isso se, em vez de ouvirmos, estivermos falando.

(Postman e Weingartner, 1969)



Fragmento 4

Prof. L: Faz tanto tempo que a gente não tem reunião! ... Precisamos discutir o que fazer com estes alunos que não conseguem aprender... Precisamos decidir como adaptar esta programação que não tem nada a ver...

Prof. M: Ora, meu bem, reunião não serve para nada, é só blá-blá-blá. Agradeça à Providência Divina que a Diretora e a Coordenadora Pedagógica não ficam no nosso pé, fiscalizando, cobrando, exigindo, e sem dar nada em troca! Pelo menos temos um pouco de liberdade. A gente faz o que acha correto e pronto.

Algumas respostas que a pergunta "Afinal de contas, porque é que sou professor" gerou:

- Posso controlar pessoas.
- Posso captar atenções de um público.
- Não tenho que trabalhar nos meses de verão.
- Adoro Matemática.
- Não sei.
- O salário é bom, considerando o pouco trabalho que realmente faço, e as oportunidades de me virar por fora.

(Postmann e Weingartner, 1969)

(Silva, 1981)

Como o professor nunca entendeu nem foi consultado sobre uma série de mudanças implantadas na escola, acha que planejar, reunir-se em Conselho, recuperar alunos, são tarefas burocratizantes e uma forma de policiamento de suas atividades. Desta forma, a escola transforma-se para ele, num local caótico e ineficiente.

Eugênio voltou para o apartamento do sobrinho com a cabeça e o coração repletos. Durante o resto da semana, não quis falar com ninguém, mas convocou todo mundo para uma reunião no domingo onde iria apresentar o resultado das investigações. Passaram-se os dias. Até que, finalmente, chegou o momento!

- Onde a escola pública é sintetizada numa original receita: "De como Fazer Fracassos"

Juntos na cozinha, Miguel, Doraci, Dorali, e o papagaio Arubu estavam ansiosos. Fazendo muito suspense, Eugênio falou:

— Meus caros amigos. Está aqui a síntese de tudo quanto consegui apreender sobre o intrincado, complexo e fascinante mistério da exclusão dos alunos da escola pública.

Receita para Fazer Fracassos*

Para fazer fracassar um aluno, não é necessário grande empenho ou dedicação individual. Basta juntar os ingredientes necessários e não interferir, que o fracasso logo estará pronto para ser servido.

Leia com atenção e siga corretamente as instruções.

Tome um aluno. Coloque-o na escola, de barriga vazia.

(Cuidado: um dos segredos desta boa receita está no número de alunos por classe, que deve ser sempre superior a 35).

Enquanto isso, escale o professor em baixos salários. Com uma faca pontuda e bem afiada, faça furos em diversos pontos de seu autoconceito. Esprema até retirar todo o suco. Agora, coloque o bago do professor na sala de aula frente aos quarenta ou quarenta e cinco alunos ainda crus.

Adicione aulas expositivas à vontade. O professor em hipótese alguma pode levar em consideração os pontos de vista e/ou as experiências do aluno, assim como os seus próprios pontos de vista e experiências não são considerados pelas instâncias superiores. Os conteúdos devem ser estanques e despejados rapidamente para não fixar.

Atenção: não se esqueça de retirar todas as idéias, tanto do professor quanto do aluno, ou diretor e jogar fora!

Se os professores quiserem se reunir, não consinta. Separe-os e deixe esfriar. Lembre-se que a falta de integração é o tempero mais importante nesta receita, pois através dela se descobririam meios de evitar o fracasso do aluno.

Refogue os professores e alunos numa escola sem recursos materiais e refratária a qualquer influência exterior.

Afaste o diretor. Se ele persistir em ficar na escola, procure sobrecarregá-lo com o trabalho de outros funcionários. Bata no liquidificador do descompromisso. Desestimele bem.

Cubra a mistura com molho de reformas educacionais, para as quais ninguém da escola deve ter sido consultado.

Finalmente, decore com argumentos de que o aluno é mal sucedido só porque trabalha e está cansado.

Leve ao congelador e esqueça. Está pronto o fracasso do aluno (e da escola também).

* Inspirada na "Arte de Bem Colonizar" em Da Colônia ao Império Paiva, M. e Schwarcz, L. São Paulo, Editora Brasiliense, 1982.

Os amigos de Eugênio
escutaram sem saber se era pra
rir ou pra chorar. Na dúvida,
riram.

Doraci reclamou:

— Mas o senhor não disse que
ia descobrir quem era o culpado
no meu caso? Pra mim não ficou
claro.

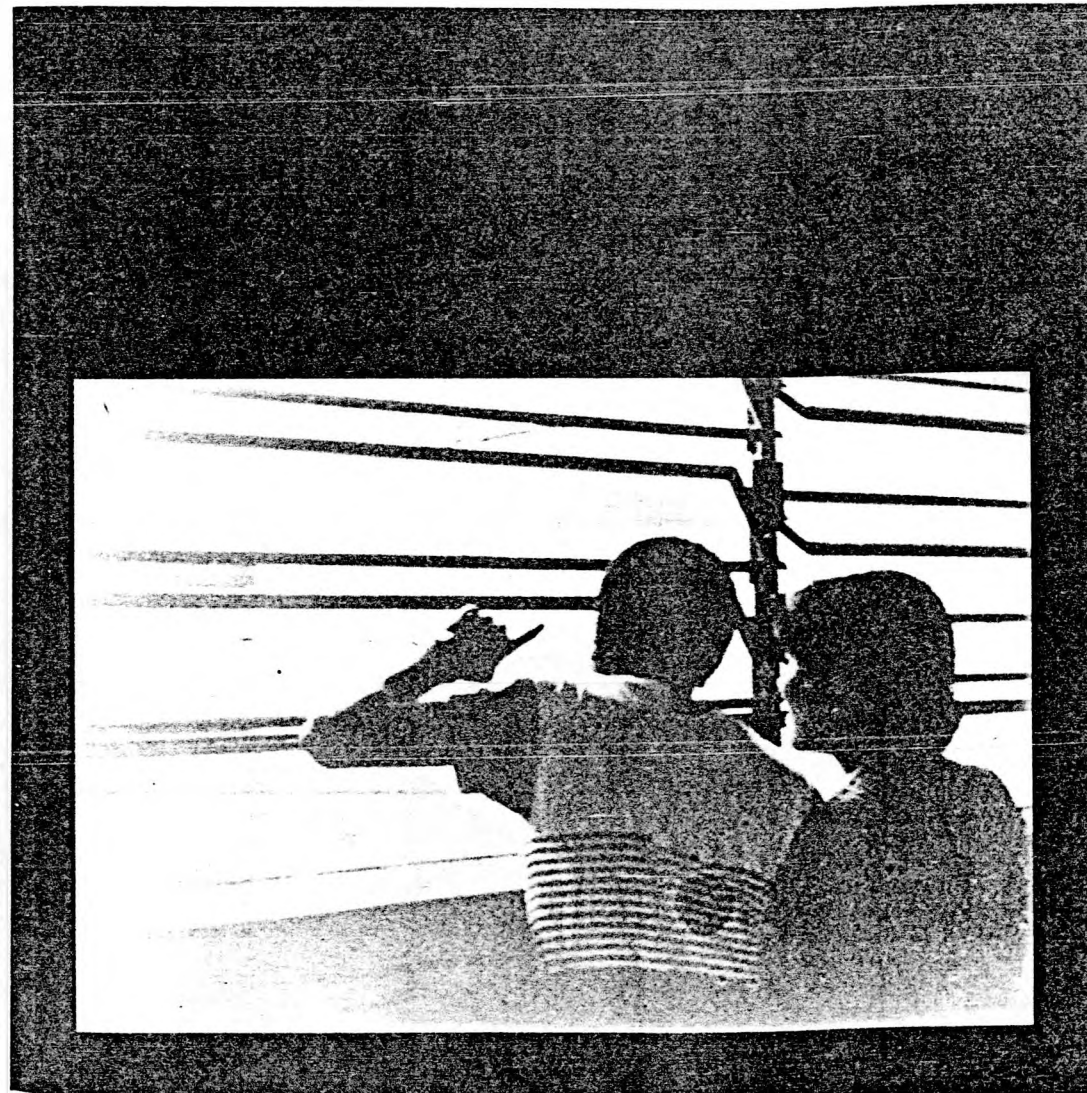
— Nem pra mim, disse Dorali.

— Não estamos mais em tempo
de falar por enigmas, seu Eugênio.
Vamos, crie coragem e dê nome aos
bois! reivindicou Arubu.

— Está bem! vocês pediram!
— falou Eugênio entre brincalhão
e ameaçador.

É preciso assumir compromissos

3



É preciso assumir compromissos

3

A escola também é responsável	39
Acusações e atenuantes	43
A vítima em questão	43
O Professor	45
O Diretor	48
A Secretaria de Educação	53
Veredictos e Propostas	54

• A escola também é responsável

— Você não vai ter coragem de dar nome aos bois, desafiou Arubu. E sabe por quê? Porque você não quer reconhecer aquilo que eu e Miguel viemos defendendo desde o início: são as condições econômicas perversas que determinam o fracasso do aluno.

— Desculpa, Arubu — mas eu não estou mais com você — declarou Miguel. Reconsiderarei a minha posição. É certo: o que está por trás de tudo é a situação econômica precária da população brasileira — mas as condições internas de funcionamento da escola não podem ser ignoradas. E é possível modificá-las ao mesmo tempo em que se começa a tentar resolver a crise econômica do país. Vejo agora que tio Eugênio não queria transformar os professores em vilões da estória. Naquela “Receita” ele mostrou a multiplicidade de fatores que se combinam para tornar o ambiente escolar mortífero ao aluno do noturno...

Eugênio aproveitou que o papagaio estava mudo de espanto com a virada do professor para explicar:

— Na verdade, eu nunca afirmei que o fator econômico não tivesse importância neste caso. Apenas recusava-me a aceitar que ele fosse o ÚNICO a ser considerado.

— Miguel! grasnou Arubu, já

recuperado do choque. Volte a si, meu dono! Volte a mim! Que bobagem é esta de dizer que dá para mudar a escola antes de mudar a sociedade? Não foi você mesmo que me ensinou que para transformar a escola é preciso primeiro mudar a sociedade?

O papagaio estava uma arara.

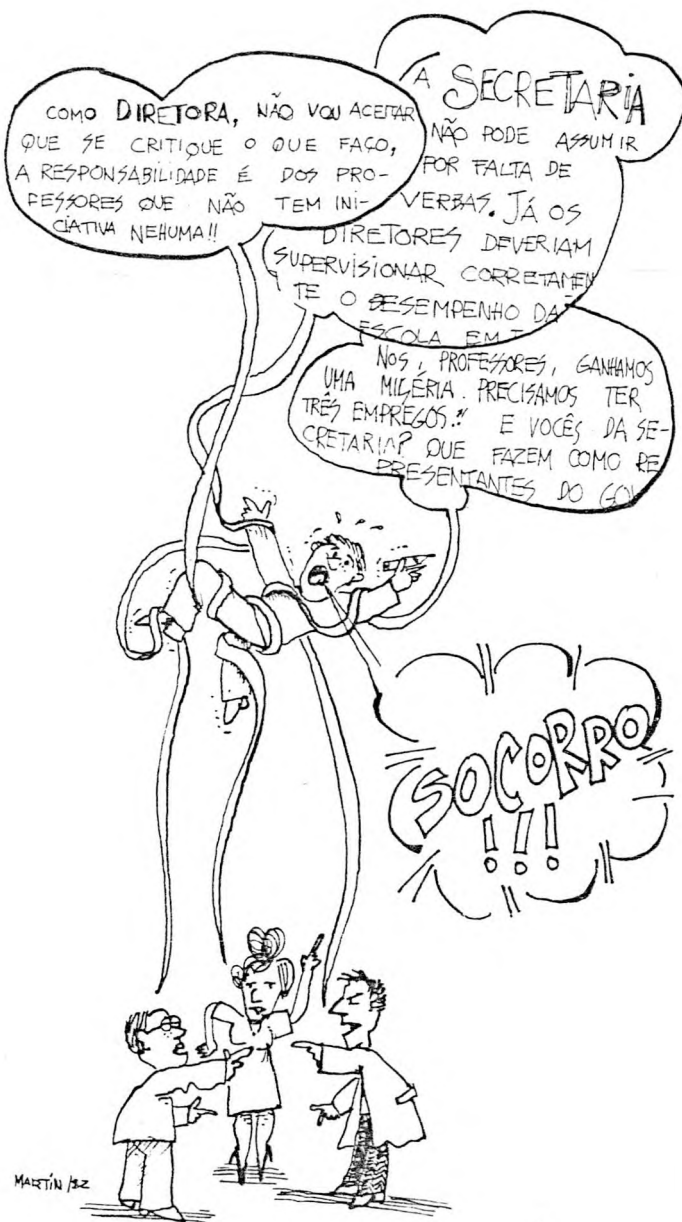
— Quanto a você, seu detetive de meia pataca, sabe aonde vai levar esta insistência em considerar a escola culpada pelo fracasso do aluno? Muito simples: em vez das pessoas lutarem para melhorar as condições de vida da população de sorte que, entre outras coisas, os menores não precisem trabalhar, vão procurar adequar a escola ao aluno que trabalha, perpetuando uma situação injusta.

— Meu caro Arubu — ponderou Eugênio, sem se abalar. Contestarei a sua argumentação em dois pontos. Primeiro:

Não se pode esquecer que “agir dentro da escola é também agir na sociedade, da qual ela não pode ser separada” (Mello, 1982a).

“A educação não é determinada unidirecionalmente pela estrutura social, mas se relaciona dialeticamente com a sociedade. Neste sentido, AINDA QUE ELEMENTO DETERMINADO, NÃO DEIXA DE INFLUENCIAR O ELEMENTO DETERMINANTE. Ainda que secundário, nem por isso deixa de ser instrumento importante e por vezes decisivo no processo de transformação da sociedade.”

(Saviani, 1982)



Entendeu? Passemos ao segundo ponto:

É óbvio que é preciso empenhar todos os esforços para mudar as circunstâncias que obrigam o menor a trabalhar. Mas o que fazer ENQUANTO ISSO? Será que você não percebe que SE NÃO ATUARMOS E LOGO, DENTRO DA ESCOLA. PARA TORNÁ-LA MAIS DEMOCRÁTICA. O ALUNO ESTARÁ SENDO PREJUDICADO EM DOBRO? SIM. POIS ALÉM DE PRECISAR TRABALHAR, ESTARÁ SENDO PRIVADO DO ESTUDO A QUE TEM DIREITO.

Arubu andava de um lado pra outro no seu poleiro, tentando em vão encontrar uma resposta definitiva.

— Olha, Aru, quem sabe eu consigo tornar o tio Eugênio mais claro para você — falou Miguel. Ninguém nega a existência de fatores extra-escolares que concorrem para o fracasso escolar: a carência alimentar, a carência cultural, as condições de renda familiar... Acontece que estes fatores estão fora do âmbito de ação do educador. Podemos atuar sobre eles enquanto cidadãos, mas não especificamente enquanto educadores.

O que podemos fazer, dentro do nosso papel? Tentar mudar as condições de ação pedagógica,

Na escola atuam mecanismos de mediação que reforçam ou atenuam o poder dos determinantes econômicos mais amplos. Embora estes tenham poder maior sobre a seletividade, não explicam como ela se efetua objetivamente, concretamente. É POR MEIO DA MEDIAÇÃO DAS CONDIÇÕES INTRA-ESCOLARES QUE A SELETIVIDADE SE DA CONCRETAMENTE.

(Mello, 1982)

pobre ao fracasso. Este fatalismo acaba sendo muito confortável para a turma do deixa estar pra ver como é que fica. Podem cruzar os braços de coração tranquilo: pobre não é para aprender mesmo.

— Na verdade, continuou Eugênio — as condições intra-escolares, como o currículo, as atitudes de professores e especialistas, os critérios de avaliação etc, atuam como mediação entre condições econômicas da clientela e o seu destino social, excluindo os mais pobres da escola.

— Palavras, palavras, palavras! retrucou o Arubu, mais teimoso que mula de padre. Quero provas concretas de que realmente as condições intra-escolares influenciam o aproveitamento do aluno.

— Eu tenho prova. Vou lhe mostrar alguns dados de uma pesquisa sobre educação e desigualdade social realizada recentemente — disse Eugênio, triunfante.

Antes de mais nada, os dados demonstram que os alunos carentes estão concentrados nas escolas onde as condições de ação pedagógica são as piores possíveis. Embora a Secretaria de Educação tenha definido as escolas carentes pela predominância de alunos pobres, na verdade, o critério de carência implica, entre outras coisas:

- maior número de turnos;
- maior número de séries superlotadas;
- jornadas diárias mais curtas;
- menor estabilidade do corpo docente.

O destino escolar da clientela mais pobre não é automaticamente determinado por sua condição social. A escola desfruta de uma autonomia relativa na determinação do destino de sua clientela. Uma escola mais adequada à realidade desta clientela será capaz de interferir decisivamente no sucesso escolar dos alunos.

(Rosenberg, 1982)

— Não adianta! exclamou-se o papagaio. Vocês jamais conseguirão me convencer. As condições escolares só servem para confirmar a previsão de fracasso inscrita na origem econômica do aluno.

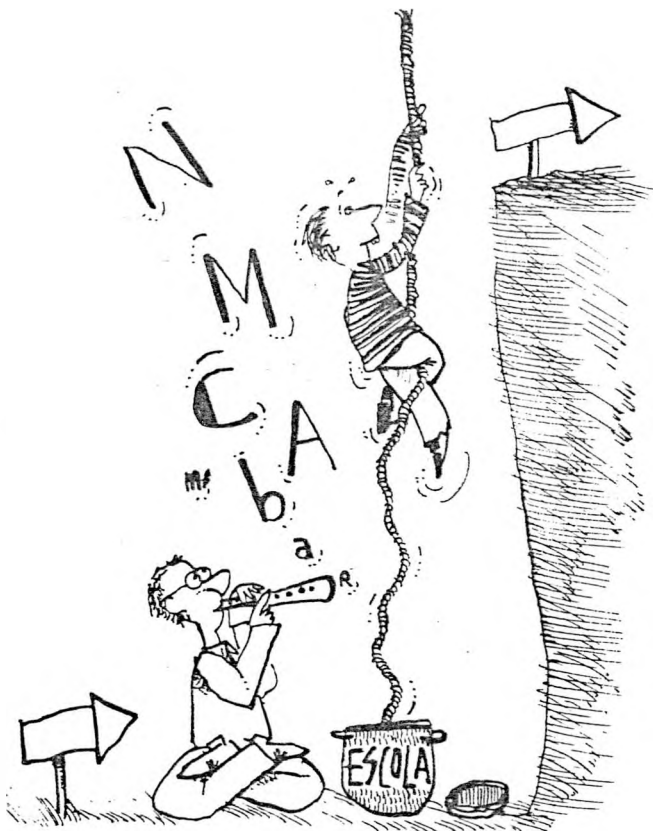
— Eu só te perdoo porque você não passa de um papagaio. Escuta bem, psidácida desanimada: negar que a escola desempenha um papel de mediadora entre a origem da clientela e sua inserção na sociedade é aderir ao imobilismo absoluto. Os que pensam como você CONDENAM de antemão o aluno

Enquanto 46% das escolas não-carentes tem jornada de mais de 4 horas, somente 4,9% das escolas carentes tem jornada com tal duração.

Da mesma forma, enquanto 44% das escolas carentes tem 4 turnos, apenas 36% das não-carentes tem esse mesmo número de turnos.

Constata-se pois que quanto maior o número de alunos, maior é a quantidade de turnos e menor o tempo de aula. Nas escolas de 4 turnos é quase impossível reunir os professores de cada série ou de cada área para planejar, avaliar ou replanejar atividades pedagógicas.

(Rosenberg, 1982)



— Tá tudo muito bom, tá tudo muito bem — disse o papagaio. Mas realmente, o que eu gostaria de saber é se ficou demonstrado que existe relação entre estas condições da escola e o sucesso ou fracasso dos alunos.

— Ora se ficou! A pesquisa mostra claramente que não é apenas a origem social do aluno que determina o seu rendimento.

Alunos de nível sócio-econômico igualmente baixo estudando em

escolas diferentes obtêm resultados diferenciados. Por exemplo, a média de Português desses alunos é significativamente mais baixa nas escolas carentes.

Está satisfeito, papagaio danado? Entendeu agora que “para a clientela de nível sócio-econômico mais baixo faz diferença estudar numa escola que tenha coordenador pedagógico, menor número de turnos, jornada escolar

mais longa e maior estabilidade do corpo docente?” (Rosenberg, 1982)

— Você venceu — admitiu o humilhadíssimo Arubu. Dou a asa à palmatória: a escola também é responsável pelo fracasso do aluno. Logo, é preciso e possível fazer alguma coisa a respeito.

Diante desta afirmação, todo mundo começou a aplaudir. Foi o suficiente para Arubu recuperar a auto-estima.

O aluno é a vítima!

• Acusações e atenuantes

Doraci e sua mãe Dorali haviam escutado toda aquela prosopopéia sem atinar grande coisa. Ao final, o menino puxou Eugênio pela manga:

— Ei! O senhor não vai dizer os nomes dos culpados no meu caso?

Eugênio e Miguel se entreolharam com cara de “e agora”?

Foi Arubu quem resolveu o impasse:

— Tem um jeito de apresentar o que Eugênio apurou nas suas investigações de maneira que todo mundo vai entender. É simples. Vamos montar um Tribunal do Júri! Os envolvidos no crime terão direito a um advogado de defesa e a um promotor. Depois que o advogado e o promotor tiverem falado, daremos a sentença.

— Trilegal! exclamou Doraci.

— Mas como a gente pode encenar isto? — indagou Miguel, ao papagaio, achando a idéia toda muito interessante.

— Proponho que os suspeitos sejam representados da seguinte forma: este giz vai ser o professor, a régua ali pode ser o diretor, e um livro grosso, a Secretaria de Educação, que deve entrar na

berlinda também. Eugênio fica de promotor, e Miguel, de advogado da defesa. Eu, Doraci e Dorali seremos o corpo de jurados.

— Eu não quero ser jurado. Eu sou a vítima — protestou o menino. E o juiz, quem vai ser?

— O juiz podemos ser todos nós — sugeriu Eugênio.

O pessoal concordou — e dentro de alguns minutos a cozinha estava transformada numa sala do Tribunal de Justiça.

A vítima em questão

— Senhores! começou Eugênio muito compenetrado no seu papel de promotor¹, indicando Doraci com um gesto dramático. Temos aqui, diante de nós, a principal vítima de um sistema de ensino apegado a padrões que não correspondem mais à realidade. Esta vítima, senhores, é a nova clientela que a expansão da rede de ensino, ocorrida entre 1940 e 1970 trouxe para dentro da escola. Neste período, com o aumento populacional nas regiões mais desenvolvidas industrialmente, a procura de maior escolarização se

tornou imperativa. O atendimento da escola de primeiro grau se tornou massivo e ela deixou de ser reduto de uma minoria proveniente das classes sociais privilegiadas.

O que vinha buscar na escola este aluno de nível sócio-econômico mais baixo? Suas pretensões não eram exageradas. Queria apenas o que a lei lhe garantia. Queria apenas receber algumas das condições básicas para o exercício da cidadania. Esperava que a escola fosse um degrau em seu projeto de ascensão social.

Diante disso qual seria o dever da escola? Simplesmente assegurar à nova clientela alguns conhecimentos e habilidades que contribuiriam para aumentar sua participação na sociedade. Se a escola conseguisse ensinar — e bem — a ler, escrever, calcular, a perceber os princípios do mundo físico e social, já estaria cumprindo sua obrigação.

Dorali comentou com o filho, impressionada:

— Ele está certo. “Com o estudo a gente tem coragem pra tudo... No meu haver, a coisa mais importante que a escola ensina é as quatro operações, porque a pessoa que sabe elas é uma pessoa que toma conta de qualquer responsabilidade.” “Se eu tivesse uma formatura não ficava me batendo por aí. A escola ensina coisas importantes, porque evolui a pessoa.” (Borges, 1982).

A escola não poderia garantir a igualdade, continuou Eugênio — mas, pelo menos, contribuiria para abrir perspectivas de vida mais humanas a amplos setores da população. Notem, senhores do júri: nada de excepcional está sendo pedido à escola.

No entanto, o que acontece?

¹ Fala do promotor neste item baseada em Mello, 1982b.

(Mello, 1982)

"A ESCOLA NÃO
CONSEGUE GARANTIR
AOS QUE A ELA TEM
ACESSO A AQUISIÇÃO
DE HABILIDADES E
SERIAM BASE DE UMA
CIDADANIA CAPAZ DE
PERMITIR A
PARTICIPAÇÃO DO
INDIVÍDUO NA DINÂMICA
DE SEU MUNDO SOCIAL.
SEJA EM TERMOS DE
CULTURA OU POLÍTICA,
SEJA DE MERCADO DE
TRABALHO."

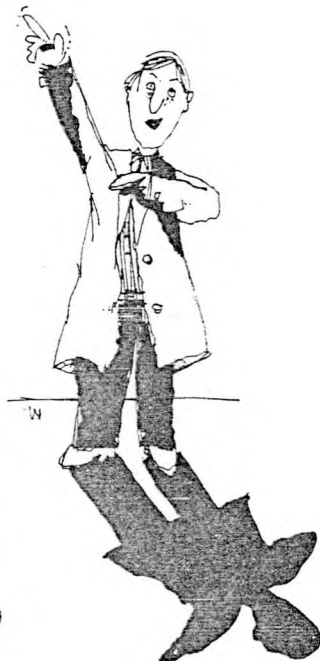
Isto ocorre por um motivo básico:

A instituição escolar não está preparada para receber a nova clientela. Como um dimissário que persiste em ser herbívoro mesmo quando todas as plantas estão congeladas, ela continua seguindo antigos rumos, sem enxergar as novas exigências que os alunos de nível sócio-econômico mais baixo trouxeram, em termos de recursos humanos, recursos materiais e reformulação de propostas.

Isto ocorre por um motivo básico:

Porque estas exigências não são devidamente consideradas que as classes populares têm acesso a escola. Como um dimissário que persiste em ser herbívoro mesmo quando todas as plantas estão congeladas, ela continua seguindo antigos rumos, sem enxergar as novas exigências que os alunos de nível sócio-econômico mais baixo trouxeram, em termos de recursos humanos, recursos materiais e reformulação de propostas.

Pelo que pode apurar em minhas investigações na escola, três são os principais envolvidos neste crime: o professor, o diretor e demais especialistas e a Secretaria da Educação. Para maior esclarecimento do juízo, procederemos à acusação e à defesa de cada um destes elementos.



• O Professor

Acusação

— Protesto! aparteu Miguel.
Por que o professor vai ser acusado em primeiro lugar?

— Porque o professor é o mais importante na cadeia de responsabilidades pelo sucesso ou fracasso do aluno. Temos provas de que mesmo em uma estrutura escolar falha um professor competente e comprometido com seus alunos consegue fazer com que eles aprendam. Alô, do meu ponto de vista um professor que diz "Ah, eu lhes ensinei isso, mas eles não aprenderam, está no mesmo nível de um vendedor que que dissesse: 'Eu vendi isto a ele, mas ele não comprou' — isto é, não faz sentido nenhum..." (Postman e Weingartner, 1974).

Aqui estou, senhores membros do júri, para acusar o professor de comissão de socorro. Afirmo aos senhores que ele reconhece a precariedade das condições intra-escolares. Sabe que o material é insuficiente, as classes superlotadas e que ele mesmo está esgotado, etc., etc., etc.. Apesar disso, insiste em culpar o aluno pela não-aquisição ou aquisição deficiente dos conteúdos esperados.

A organização da escola, bem como suas próprias atitudes e competência profissional, nunca são colocadas em questão.

E por que, senhores?

PORQUE É MAIS CÔMODO
PARA O PROFESSOR JOGAR
PARA FORA DOS Muros
ESCOLARES AS CAUSAS DO
FRACASSO DOS ALUNOS, DAS
QUAIS ELE PARTICIPA. (Mello,
1982)

...Ele é o instrumento que
acaba realmente efetivando a
reprovação que ocorre nas
escolas. Como faz isto?

— elegendo conteúdos e
critérios de avaliação com
base em um padrão de
excelência que julga
necessário que os alunos
possuam;

— não percebendo a
inadequação entre o que
ele espera que a maior
parte dos alunos seja capaz
de aprender; e o que os
alunos realmente podem
dominar, no espaço de um
ano, nas condições atuais
existentes;

• classes numerosas;
• períodos de no máximo
três horas de aula;
• mudanças frequentes de
professor;
• férias prolongadas.

(Silva, 1981)

Os professores culpam o aluno ou sua família pela não aquisição ou aquisição deficiente dos conteúdos esperados.

Ào invés de se proporem promover mudanças no que é possível de alteração imediata, como alteração no programa e revisão do desempenho profissional, os professores se queixam da clientela, cujas características só são passíveis de alguma mudança a médio e longo prazo. Recusam o desafio.

São inúmeras as justificativas que o professor tem para explicar o fracasso dos alunos. Mas, realmente, vem facilitando a democratização do ensino! Pelo contrário...

E, os professores, não são vítimas também?

estão cansados, estão desinteressados... Mas o problema crucial nunca é colocado: COMO ENSINAR ESTES ALUNOS, NESTA ESCOLA?

Assim, não se fazem perguntas fundamentais como:

— Estou conseguindo tornar claro para meus alunos as relações significativas entre os conteúdos que estão sendo ensinados? Percebo com clareza essas relações?

— Será possível realizar, com meus colegas de área, um estudo para identificar o que é realmente importante que o aluno aprenda?

Existe uma pequena e melancólica anedota a respeito de um professor de quinta série, numa escola de gueto, que perguntou a um garoto negro, de ar amargurado, durante uma aula de Ciências: "Quantas pernas tem um gafanhoto?" "Puxa", respondeu o garoto — "como eu gostaria de ter os seus problemas."

(Postman e Weingartner, 1974)

— Até que ponto minhas expectativas em relação aos alunos estão influenciando o desempenho deles?

"Chega-se à classe do noturno com o espírito preparado para encontrar alunos mais atrasados, de pior disciplina. Não se sabe se eles são todos assim ou se em parte há uma predisposição nossa e dos alunos pois os alunos que estudam à noite já sabem que o estudo é mais fraco." (depoimento de um professor do noturno)

(Pezzollo, 1981)

— Será a aula expositiva a técnica mais adequada para se transmitir conteúdos a alunos cansados?

— Estou consciente de que minhas faltas representam, no mínimo, um enorme desrespeito ao aluno que, como eu, trabalha o dia inteiro?

A resposta a estas e outras questões, pelo conjunto dos professores, faria com que se encaminhassem no sentido de

descobrir as formas adequadas para organizar e transmitir o conhecimento escolar aos alunos pobres.

Defesa

— Senhor promotor e senhores membros do júri! Começou Miguel, dirigindo-se principalmente a Dorali e Arubu, que olhavam feio para a cadeira com giz que representava o professor.

Não quero eximir o docente de sua parcela de responsabilidade pelo fracasso dos alunos do noturno. Todavia, a bem da justiça, é preciso que se leve em consideração os atenuantes de sua conduta.

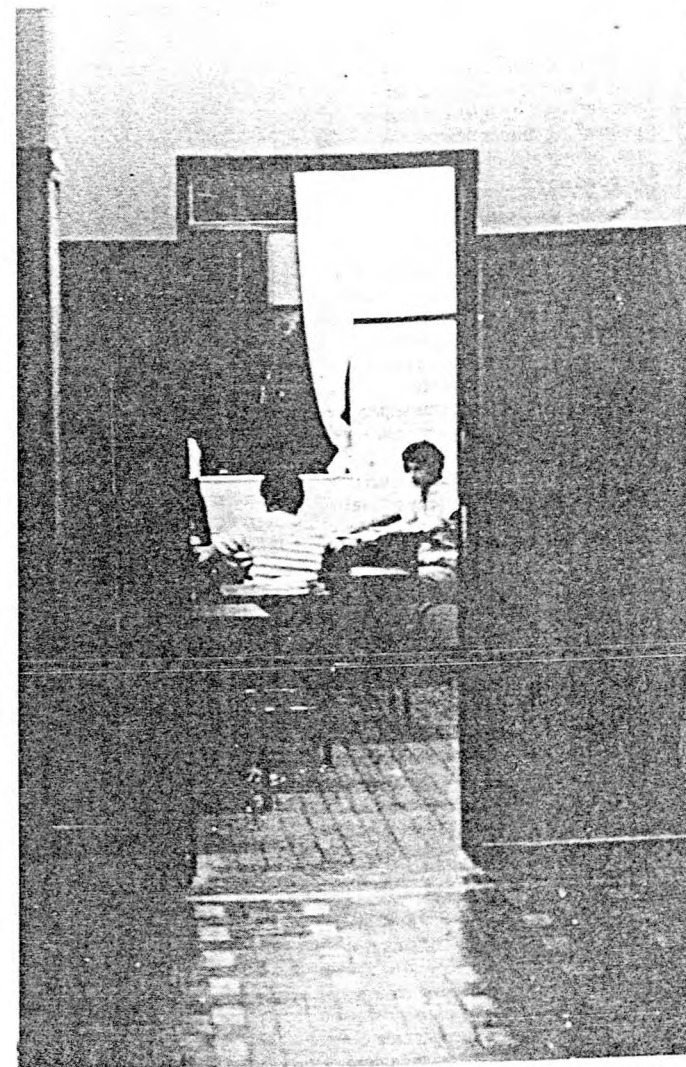
Foi dito nesta sala que ao desconsiderá-la como elemento que poderia provocar o fracasso do aluno, o professor não valoriza sua forma específica de atuar, ou seja, o trabalho pedagógico. E como poderia ser diferente? Pensem: apostar que todo aluno pode dominar o conhecimento escolar, desde que se saiba trabalhar com ele, É POR EM QUESTÃO A COMPETÊNCIA PROFISSIONAL DO PROFESSOR. (Mello, 1982a) Para qual de nós seria fácil reconhecer incompetência em algum aspecto de sua vida? Atire a primeira pedra quem for capaz.

Por outro lado, quando acusa o professor de modelar o comportamento do aluno com expectativas negativas, o promotor se esquece do seguinte:

As características e comportamentos dos alunos determinam as expectativas dos professores tanto quanto estas determinam o desempenho do aluno.

O professor espera o fracasso por não perceber uma forma de evitá-lo. O professor precisa mais que expectativas positivas para superar as dificuldades reais de aprendizagem dos alunos pobres. Precisa saber o que fazer para ensinar estes alunos SE ESTES PROFESSORES FOSSEM CAPAZES DE PLANEJAR E REALIZAR UM TRABALHO DIDÁTICO-PEDAGÓGICO EFICIENTE PARA A APRENDIZAGEM DOS ALUNOS POBRES TALVEZ MUDASSEM SUAS EXPECTATIVAS DIANTE DESSES ÚLTIMOS.

(Mello, 1982a)



Nós professores, sempre ficamos no papel de bode expiatório.

É aí que eu indago:

— O professor recebe uma formação adequada e algum tipo de apoio técnico-pedagógico no sentido de capacitá-lo a atuar eficientemente junto aos alunos pobres? Qualquer pessoa medianamente informada pode responder: NÃO.

Com a lei 5692 e a profissionalização do ensino de 2º grau ocorreu um esvaziamento dos cursos de formação de professores que levou à desarticulação de escolas que vinham tradicionalmente preparando bem para o magistério de 1º grau. O crescimento indiscriminado dos cursos superiores também propiciou a formação de professores e

especialistas em educação pouco competentes para atuarem a nível das escolas de 1º e 2º grau.

Sabemos por outro lado que a maioria das escolas públicas não tem coordenador pedagógico e que o diretor, por várias razões, pouco se ocupa com questões pedagógicas.

Os professores não têm oportunidade de se encontrar e discutir em profundidade os problemas que os alunos, a escola, ou eles particularmente enfrentam. Não há registro cumulativo de rendimento e dificuldades de cada aluno, de modo que o planejamento é baseado em dados impressionistas e não em uma real caracterização da clientela (Silva, 1982).

Em resumo: o professor sente-se abandonado, num barco fazendo água.

Sim, o professor deve ter um compromisso com os alunos. Mas quem está comprometido com o professor? Terão autoridade para

lhe cobrar compromisso aqueles que lhe usurpam o salário, que o mantêm em regime de instabilidade empregatícia, que não o consultam, ignorando sua experiência, que não o reciclam adequadamente?

Para terminar a minha defesa, quero apenas lembrar aos senhores as palavras de um jovem que não era muito amigo de julgamentos. Dizia ele: antes de reparar no argueiro do vizinho, tira a trave do teu olho!

Miguel conseguiu atingir o júri. Pelo menos era o que se depreendia da expressão solidária com que passaram a olhar o "representante" do professor.

• O Diretor

Acusação

Eugênio tomou um copo de água, pigarreou e olhou com ar feroz para a régua que representava o diretor:

— Membros do júri! Lerei para os senhores o trecho de um livro onde se fala do papel do Diretor: "É do diretor da escola a responsabilidade máxima quanto à consecução eficaz da política educacional do sistema e desenvolvimento pleno dos objetivos educacionais, organizando, dinamizando e coordenando todos os esforços neste sentido, e controlando todos os recursos para tal. Devido à sua posição central na escola, o

* As colocações referentes ao diretor também se aplicam, até certo ponto, aos demais especialistas em educação ou seja, orientador, supervisor e assistente.

desempenho de seu papel exerce forte influência, sobre todos os setores e pessoas da escola. É de seu desempenho e de sua habilidade em influenciar o ambiente que depende, em grande parte, a qualidade do ambiente e clima escolar, o desempenho do seu pessoal e a qualidade do processo de ensino-aprendizagem" (Luck, 1981).

Agora lhes pergunto: O que tem feito o Diretor para organizar, dinamizar e coordenar esforços no sentido de evitar o fracasso dos alunos?

— NADA! O Diretor está paralisado numa atitude de inércia face à deterioração que se vem processando principalmente no ensino ministrado à noite (Barreto, 1981). Omissão de socorro, mais uma vez, senhores! Pura omissão de socorro. Tem olhos, mas não enxerga a única e tênue esperança que a escola representa para os jovens trabalhadores; tem ouvidos, mas não escuta a queixa dos alunos excluídos da escola; tem boca, mas ela não se abre para defender os interesses destes jovens; serve apenas para cobrar taxas, horários, uniformes, comportamentos!

É o distante soberano da escola do pobre, "reino da ignorância, do descaso, da descontinuidade, da ausência de controle; terreno de ninguém, naquilo que é substancial, e mundo rigidamente normativo, naquilo que é dispensável" (Mello, 1982c).

Alguns diretores têm a franqueza de se manifestar claramente contra a existência do noturno. Outros, mais sutis, encontram meios para desviar a procura; por exemplo, escondendo



MARTIN 1982

faixas que anunciam matrículas para este período. E é fácil para eles tomar atitudes desta ordem, pois não se colocam nunca na pele de um aluno do noturno. Pelo contrário o "conhecimento" que tem deste aluno se resume a alguns rótulos e estereótipos batidos.

— Mas não faz parte do Plano Escolar o estudo da clientela? — poderiam argumentar os senhores. Como, apesar disso, persistem os estereótipos?

Então eu lhes diria:

— Ora, meus caros membros do júri! Ignoram então os senhores que o Plano Escolar é feito apenas para inglês ver?

"Muitos diretores acham mesmo que a caracterização da clientela é supérflua. Dizem que as informações básicas sobre a clientela são conhecidas e dispensam precisão maior" (Barretto, 1981).

O que os diretores "sabem" sobre os alunos é, porém, suficiente para que os responsabilizem pelo insucesso escolar.

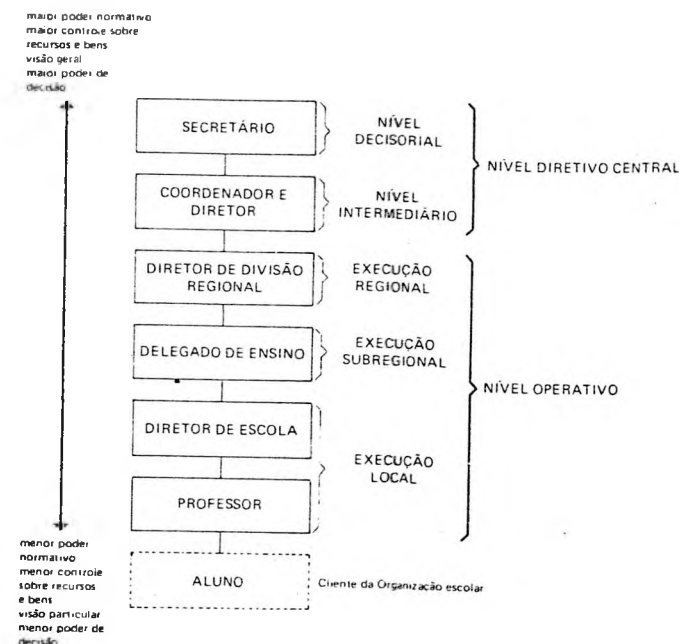
escola é para o diretor algo tão distante quanto a face oculta da lua. Afinal ele é um administrador, um burocrata, e tem "coisas mais importantes" em que se ocupar.

Defesa

Terminada a arenga de Eugênio, Miguel tomou a palavra:

— Longe de mim, senhores do júri, querer negar o quinhão de culpa que cabe ao diretor no fracasso dos alunos do Noturno. Mas... é muito fácil acusá-lo quando não se consideram as suas condições reais de atuação. Em primeiro lugar, seu poder de decisão é reduzido.

O diretor está afastado do nível diretivo central, que não leva em consideração suas necessidades, apenas emite comandos. Olhem este gráfico que mostra o lugar que o diretor ocupa no sistema de ensino público. Quão longe está ele dos centros de decisão!!



"O Diretor de Escola, num sistema público de ensino corre o efetivo risco de se transformar, gradualmente, num mero cumpridor de ordens (muitas das quais

inadequadas a sua realidade escolar) perdendo, aos poucos a consciência de seu papel dinâmico no processo escolar."

(Vale, 1982)

Há um certo consenso em relação a determinados elementos que concorrem para o baixo aproveitamento da clientela. Os alunos do noturno produzem menos pelo cansaço diário, má alimentação, falta de tempo para estudar. A inadequação do currículo e da própria proposta pedagógica a estes alunos não aparece como explicação no discurso dos diretores, que tendem a reforçar os fatores extra-escolares como determinantes das perdas e fracasso.

(Barretto, 1981)

Diretores quando perguntados sobre como é redefinida a programação escolar em função das características da clientela, deram respostas vagas e/ou inadequadas à questão. Isso sugere que o diretor não conhece direito o que se passa na escola, uma vez que ele praticamente não participa das atividades pedagógicas, dedicando pouquíssimo tempo a essas tarefas.

(Barretto, 1981)

Para não dizer que o diretor está absolutamente alheio aos aspectos pedagógicos, admitamos: ele distribui os subsídios enviados pela Secretaria. Mas não lhe pergunte a opinião dos professores sobre a qualidade do material. Ele não sabe.

Onde está o diretor "iniciador, orientador, integrador e coordenador dos esforços rumo à consecução dos objetivos relevantes à educação dos jovens?" (Vale, 1982).

Não admira que o diretor não chegue a questionar a proposta pedagógica da escola, e não ponha em dúvida sua adequação aos alunos do noturno. O lado pedagógico da



MARTIN/82

Cobram-lhe maior atenção ao lado pedagógico de suas funções — e ao mesmo tempo, sobrecarregam-no com o trabalho de outros funcionários, e com papelada desnecessária.

Querem que o diretor incentive o trabalho de equipe — mas lhe impõem um calendário onde não se prevê tempo para os professores se reunirem.

Solicitam que incentive os professores do noturno, mas não fornecem condições que gratifiquem o trabalho docente.

Reclamam que o diretor não promove a integração da equipe, mas desenvolvem uma sistemática de atribuição de aulas e uma política salarial que transformam o professor em ambulante, em nômade.

Queixam-se que o diretor exige taxas de APM, mas se “esquecem” de mandar dinheiro para substituir lâmpadas queimadas, consertar vidros, comprar sulfite, papel higiênico e pagar a merendeira.

Sentem-se à vontade para idealizar um diretor que esteja todos os dias das 7 às 23 horas na escola, mas não pensam em estipular uma gratificação para os que “fazem extra” no noturno. Aliás, neste caso, parecem não levar em conta que o diretor divide as responsabilidades de seu cargo com o assistente de direção.

Enfim, senhores do júri, neste contexto, as cobranças que se fazem ao diretor são hipócritas, pois todos sabem que as condições para o seu

cumprimento são extremamente precárias.

“Pressionado por todos os lados (pelos superiores, pelos professores, funcionários, orientadores, pais de alunos, políticos locais, alunos, especialistas, comunidade em geral etc.), o Diretor fica em vias de sucumbir à teia de pressões que o envolve no exercício de suas funções” (Vale, 1982).

Doraci escuta tudo com muita atenção, como quem está procurando desenroscar o fio da meada. Comentou com o filho:

— Tá certo que professor e diretor sofre. Mas quem padece mais é o povo; isto lá é. Lembro um dia quando tua irmã ainda tava na escola, fui lá pagar a taxa da APM. “Vi tanta gente chorando, mas não adiantou nada. A diretora falou: ‘ou paga ou deixa a vaga pra outro’. Teve uma dona que se revoltou e xingou a diretora de tudo quanto foi nome. Ela falou: ‘Não tô nem aí. Ou a senhora vai me pagar amanhã, ou então seu filho não entra’.

Eu morria de medo de falar com essa diretora. “Ela era pior que um bicho brabo pra dar coice na gente. Esses que têm estudo, qué ponhá as pessoas que não têm estudo pra baixo. E fala muito, e quem não tem estudo eles qué que fale pouco!” (Malta Campos, 1981)

— Agora eu é que peço pra senhora deixar de falar — disse Doraci. É a vez da Secretaria da Educação ir pra berlinda!

Órgãos do Nível Diretivo Central da Secretaria da Educação

O papagaio Arubu que até o momento mantivera-se mais circunspecto que uma coruja, resolveu abrir o bico.

— Miguel, esta história de botar a Secretaria de Educação em julgamento não é temeridade não?

— Ei, Aru! Tá ficando velho, ou o quê? — atalhou Eugênio.

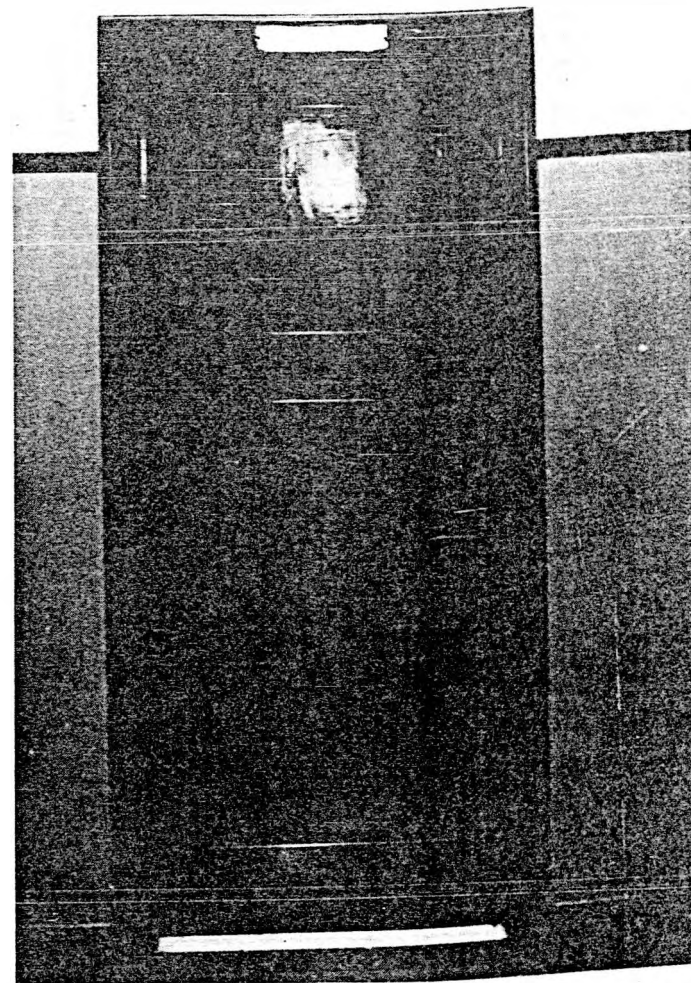
E colocando em primeiro plano a cadeira com o livro, que representava os órgãos de nível diretivo-central da Secretaria da Educação (S.E., para facilitar), começou a sua catilinária.

Acusação

— Até quando, S.E., continuarás ignorando que existe vida inteligente na escola? interpelou Eugênio, de dedo em riste. Até quando insistirás em despejar pacotes pedagógicos sobre as inermes cabeças de professores e diretores? Persistirás eternamente no teu voluntarismo, que insiste em mudar a realidade por decreto?

Reflitam! Por que “as intenções da 5692/71, de diminuir a taxa de retenção e evasão escolar, implementando currículos mais adequados às necessidades de tempo e lugar e clientela diversificadas, não se realizaram

PROIBIDA A ENTRADA
A PROFESSORES E ALUNOS



na prática? Porque após 1971 pouco se fez na área pedagógica para mudar ou favorecer a mudança de atitude proposta nesta lei.” (Silva, 1981)

As inovações trazidas pela 5692 PRESSUPUNHAM INTEGRAÇÃO EFETIVA:

— INTENSA CONVIVÊNCIA ENTRE TODOS OS PROFESSORES.

— EXISTÊNCIA DE OBJETIVOS, ESTRATÉGIAS, CRITÉRIOS, DISCUTIDOS,

ACATADOS E COMPREENDIDOS PELO CORPO DOCENTE E ADMINISTRATIVO DA ESCOLA. (Silva, 1981).

A S.E. não garantiu essa integração.

O resultado foi que a equipe escolar protestou contra o que percebia como autoritarismo, da maneira mais eficaz que possuía: boicotando as determinações da S.E. ou cumprindo-as apenas formalmente.

Se os professores e diretores não forem consultados e os padrões de treinamento em serviço não forem modificados, não acontecerão mudanças. Os educadores desaprovam e desconfiam de mudanças impostas de cima para baixo à estrutura escolar.

(Silva, 1981)

O que a S.E. tem feito de concreto no sentido de:

- fixar o professor na escola
- valorizar o trabalho no período noturno
- estimular a competência da equipe escolar
- equipar a escola com recursos materiais e humanos necessários ao seu bom funcionamento

?

A resposta a estas indagações, senhores membros do júri, nos permite afirmar com segurança:

enquanto a S.E. não atentar para as condições práticas, reais, de exequibilidade das suas diretrizes, elas continuarão sendo apenas retórica vazia e inócua.

Defesa

A única defesa que Miguel achou foi a seguinte:

— O grande problema da S.E. é a crônica falta de verbas.

Quanto ao suposto autoritarismo da S.E., talvez ele seja uma reação à passividade dos demais envolvidos. A medida que os educadores, organizados, forem capazes de fazer chegar suas propostas à S.E., novos espaços com certeza se abrirão.

• Veredictos e Propostas

Miguel havia concluído.

— Antes de darmos o nosso veredicto, vocês vão me permitir algumas ressalvas às colocações do nosso advogado de defesa neste julgamento, disse Eugênio.

Não nos iludamos — se professor, diretor, e até mesmo os órgãos centrais da Secretaria da

Educação podem ser considerados de certa forma, vítimas também de uma estrutura autoritária, de um sistema econômico em crise, a maior e mais desamparada vítima continua sendo o aluno.

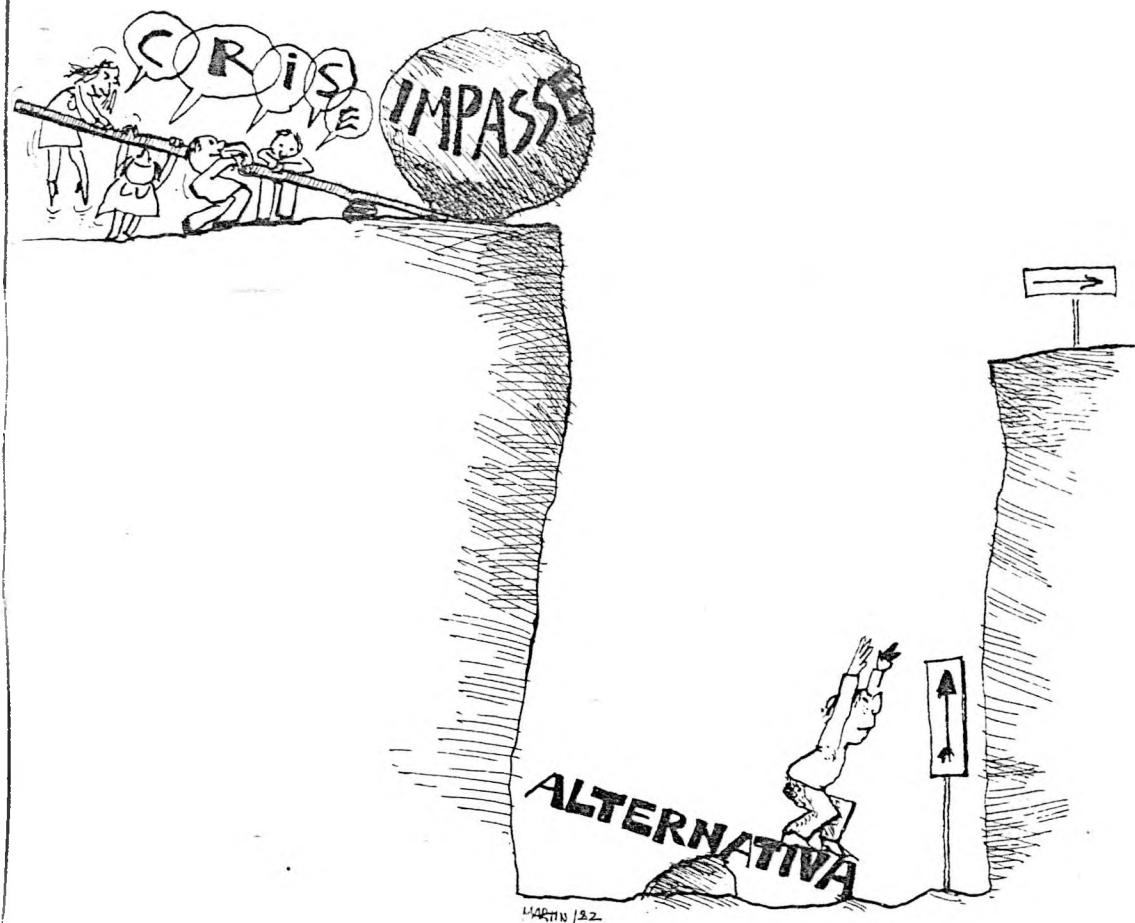
A sequência de intervenções de Miguel, para defender os implicados no atentado a este direito, seguem o esquema daquela estorinha infantil, onde se pergunta: cadê o mato que estava aqui? O fogo queimou. Cadê o fogo? Água apagou. Cadê a água? Boi bebeu. Cadê o boi? ... — E assim é possível ir até o infinito, sempre postergando a resposta.

Desta maneira, apesar de convencidos de que as condições intra-escolares contribuem para o fracasso do aluno, caímos outra vez no círculo vicioso que nos imobiliza. Como cobrar competência do professor, se nem tempo para se reunir lhe concedem? Como cobrar liderança do diretor, se o transformaram em simples cumpridor de ordens? Como cobrar recursos da Secretaria da Educação, se as verbas diminuem de ano a ano? Todos têm os seus álibis, bons álibis para continuar mergulhados na mesma obscura e vil estagnação.

— “Não podemos fazer nada. Fazer o quê, com esta crise econômica? Fazer o quê, com esta crise da escola?” Justificam-se, resignados, aqueles cuja alma já se tornou preguiçosa matrona inchada de celulite.

A estes, lembro que em chinês O IDEOGRAMA QUE REPRESENTA CRISE, DE UM LADO É IMPASSE, E DE OUTRO, ALTERNATIVA.

Chegou a hora da equipe escolar mostrar que é capaz de aceitar o



desafio e utilizar sua criatividade na descoberta de alternativas. Isto depende da existência de um fator básico: o COMPROMISSO que esta equipe tenha conseguido estabelecer em relação aos seus alunos.

Tomemos como exemplo a enorme vitalidade que as famílias das classes populares demonstram

na busca de caminhos para conseguir manter seus filhos na escola o maior tempo possível. É o uniforme que é usado pelo irmão mais novo no período da manhã, e pelo mais velho à tarde; é a alternância de horários para que haja sempre alguém em casa tomando conta do bebê; é o “bico” que se arruma para poder

comprar o material escolar; é o livro velho guardado na esperança de usá-lo para o filho seguinte. Estas famílias, em suas estratégias para garantir a sobrevivência escolar das crianças, praticamente se viram pelo avesso.

Por que a escola não faz o mesmo?

É preciso cobrar que se realize efetivamente o que a legislação educacional promete.

Só que, em vez de se virar pelo avesso, ela precisaria se virar pelo direito, pelo direito dos alunos que trabalham a uma educação de boa qualidade. Partir do que existe, e agir! Isto implicaria inclusive em cobrar responsabilidades, por que não? *Fazer, e cobrar.* Professores, cobrem dos alunos e do Diretor e da S.E.! Diretor, cobre do professor e da S.E.! S.E., cobre do Diretor, do Professor e do Estado! Critiquem-se mutuamente, não permitam que ninguém se sinta confortável na injustiça. Chega de esperar. "Quem sabe faz a hora, não espera acontecer!"

Depois do discurso de Eugênio todos ficaram em silêncio. Arubu resistiu à tentação de gritar: Já ganhou! Miguel estava pensando na sua escola. Disse para si mesmo:

- Se nós tivermos força para acreditar inclusive no impossível... conseguiremos.

Depois falou em voz alta:

- Acho que o veredicto é que todos os envolvidos no "caso do fracasso dos alunos" são parte culpados e parte vítimas. O fato de serem vítimas, entretanto, não os exime de culpa. São responsáveis e capazes de trabalhar para mudar a situação. Nada justifica a inércia, o conformismo.

Não foi necessário muita discussão. O pessoal concordou com o juízo do professor.

Parto da premissa de que essa escola, seletiva e incompetente, pode e deve ser mais democrática, ou seja, é possível trabalhar *dentro dela* para aumentar significativamente as oportunidades de acesso e os anos de permanência das camadas populares no sistema de ensino. (...)

Com isso não quero ignorar o peso que as condições materiais de pobreza possuem na determinação do fracasso. Apenas chamo a atenção para o fato de que as condições internas da escola também atuam nesse sentido. Estas condições escolares são as que dizem respeito à ação do educador, já que a mudança das condições de vida envolvem pessoas e processos que ultrapassam em muito o âmbito da escola.

(Mello, 1982 c)

Arubu levantou a asa. Tinha uma questão:

- Seria bom a gente fazer uma síntese de tudo o que discutimos, e propor algumas medidas que poderiam ser buscadas no interior da escola, para adequá-la às características e necessidades dos alunos das classes populares.

- Ótima idéia! aplaudiu Miguel. Quero mesmo um roteiro para discutir com a equipe da minha escola na primeira reunião que tiver!

• Pronto-Socorro ao Fracasso do Aluno. Medidas de Emergência

Diretor: – "assumir o seu lado pedagógico",

- garantir tempo e espaço para que os professores possam reunir-se;
- garantir a existência de coordenadores por série e por área;
- garantir horário para recuperação dos alunos e para fixação do conteúdo estudado por eles;
- repensar normas administrativas e de funcionamento da escola, do ponto de vista do interesse do aluno.

Professor: – abrir mão do modelo

ideal de aluno e ensinar a alunos concretos, que estão em sua sala de aula e que todos os anos repetem maciçamente;

- repensar os conteúdos. Lembrar-se que através deles é que se está instrumentalizando os alunos com ferramentas de caráter histórico, matemático, científico, literário;

"Contra a tendência de aligeiramento do ensino, destinado às camadas populares, defender o aprimoramento deste ensino, o que implica na prioridade do conteúdo. Sem conteúdos relevantes, conteúdos significativos, a escola se transforma num arremedo, numa farsa."

(Saviani, 1982)

- repensar a metodologia. Só um exemplo dentre os vários propostos por Geraldí (1982) de possíveis alternativas para o ensino da língua portuguesa: "A produção de textos na escola foge totalmente ao sentido de uso da língua: os alunos escrevem para o professor (seu único leitor). Propomos que os textos produzidos em aula tenham outro destino, do qual os alunos devem tomar conhecimento no início do ano letivo:

- 5ª série: publicação mimeografada de uma antologia das histórias produzidas em aula;
- 6ª série: idem, mais organização de um jornal mural da classe;
- 7ª e 8ª série: organização de um jornal mensal da escola, mimeografado;"
- repensar critérios de avaliação.

Equipe escolar: – trabalhar de forma integrada;

- envolver o aluno, para que ele se sinta participante do processo e não um agente passivo;
- repensar a questão da disciplina, discutindo normas em conjunto;
- destruir o mito de que é possível aprender sem estudar.

– E para a Secretaria de Educação, não vamos sugerir nada? lembrou Arubu, que recobrava a ousadia.

• Sugestões à S.E.

(Com todo respeito)

- garantir ao professor maior número de horas-atividade;
- aumentar o salário do diretor que amplie suas classes de noturno / e que atue nesse período;
- mudar a sistemática de atribuição de aulas, incentivando os professores mais experientes a atuar nas classes e períodos mais problemáticos;
- garantir que o material de orientação pedagógica elaborado pela S.E. seja efetivamente lido, discutido e criticado pelos professores;
- autorizar mudanças devidamente justificadas no cronograma escolar, abrindo espaço para reuniões mensais de planejamento, replanejamento e avaliação da equipe;
- reduzir os encargos burocráticos do diretor e professores;
- redistribuir os alunos

garantindo que ao início do ano as classes tenham, no máximo, 35 alunos;

- dar infra-estrutura adequada às escolas possibilitando utilização da biblioteca, laboratório e quadra de esportes por todos os alunos. Garantir iluminação adequada do prédio e segurança da escola;
- garantir a existência, em todas as escolas de equipe técnica completa, bem como pessoal operacional em número suficiente para atender às necessidades de todos os períodos.
- reformular a sistemática dos treinamentos, tornando-os mais regulares e fazendo com que atendam às reais necessidades da equipe escolar que deve ser consultada com antecedência.

Depois de lerem tudo o que haviam escrito, Eugênio suspirou satisfeito:

— Puxa! Parece que a nossa investigação valeu a pena...
— Ora se! — exclamou Miguel. Sabe que estou me sentindo dez anos mais moço, agora que me voltou a esperança na escola?

— E eu estou me sentindo até menos papagaio, agora que admiti que a escola pode mudar — grasnou Arubu, que não queria ficar atrás...
— Pois eu só queria saber se esta conversa toda vai me ajudar a passar pra sétima série este ano! — suspirou Doraci.

— Nós não vamos deixar você fracassar, menino! — assegurou Miguel sob o olhar aprovativo da risonha faxineira Doraci.

O COMPROMISSO com os alunos sobre os quais o fracasso e a exclusão da escola incidem maciçamente é que deve orientar a busca de uma ação competente.

Não tenho respostas detalhadas sobre como deveria ser esta escola competente, apenas coordenadas gerais a serem testadas pela prática.

Mas o COMPROMISSO é o momento primeiro, e como tal, mais importante que respostas específicas.

(Mello, 1982)

Nós vos pedimos com insistência:
Não digam nunca

— Isso é natural:

Sob o familiar,

Descubram o insólito.

Sob o cotidiano, desvelem

O inexplicável.

Que tudo o que é considerado habitual
Provoque inquietação.

Na regra, descubram o abuso,

E sempre que o abuso for encontrado,

Encontrem o remédio.

B. Brecht

É preciso assumir compromissos
E a sua proposta para o curso noturno?

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ANTUNHA, Heládio Cesar Gonçalves - "A Educação Brasileira no Período Republicano" - in *Estrutura e Funcionamento do Ensino de 1º e 2º Graus*. Brejon, M. organizador, Biblioteca Pioneira de Ciências Sociais, 1975
- BARRETTO, Elba S. de Sá. *Estudo da Implantação da Escola de Oito Anos*. São Paulo, Fundação Carlos Chagas, Departamento de Pesquisas Educacionais, 1981. (mimeo)
- BARRETTO, Elba S.; MELLO, Guiomar Nam ARELARO, Lisete, MALTA CAMPOS, Maria Machado - "Ensino de 1º e 2º Graus Intenção e Realidade", in *Cadernos de Pesquisa*, nº 30 - Fundação Carlos Chagas, setembro 79.
- BORGES, Celma. "Representações da escola por trabalhadores da cidade de Salvador." São Paulo, *Revista da Ande* nº 5, 1982.
- CECCON, Claudius; OLIVEIRA, Miguel e OLIVEIRA, Rosiska. *A vida na Escola e a Escola da Vida*. Rio de Janeiro, Ed. Vozes, 1982.
- DEMO, Pedro - "Indicadores de Desenvolvimento Social, in Perspectivas da Educação". *Anais da I.C.B.E.* - Cortez Editora, 1981.
- FOLHA DE S. PAULO - 27/09/1982
- GADOTTI, Moacir - *Anais da 1ª C.B.E.* - Cortez Ed., 1981
- GERALDI, J. W. "Possíveis alternativas para o ensino da língua portuguesa". São Paulo, *Revista da Ande* nº 4, 1982.
- GIBRAN, Ilda Sabhag & PRUKS, Lia Reisman - Cursos Noturnos - Solução ou Problema Secretaria de Estado da Educação - Assessoria Técnica de Planejamento e Controle Educacional, Equipe Técnica de Análise Sócio-Econômico Demográfica. S. Paulo - março 1982.
- LEME, Hebe Guimarães. *Alguns apontamentos e reflexões acerca dos cursos noturnos de 1º e 2º graus da rede estadual de ensino*. São Paulo, Secretaria Estadual de Educação, Assessoria Técnica de Planejamento e Controle Educacional, agosto 1981.
- MALTA CAMPOS, Maria Machado - *O Ensino Obrigatório e as Crianças Fora da Escola* - um estudo da população de 7 a 14 anos excluída da escola na cidade de S. Paulo. Fundação Carlos Chagas. Depart. de Pesquisa Educacional, 1981 (mimeo)
- MELLO, Guiomar Nam de. *Magistério de 1º Graus*. Da competência Técnica ao Compromisso Político. São Paulo, Cortez Ed., 1982.
- MELLO, Guiomar Nam de. *Educação escolar e classes populares: uma reflexão sobre o atual momento educacional e político do Brasil*. São Paulo, Fundação Carlos Chagas, 1982c. (mimeo).
- MELLO, Guiomar N. de; MAIA, Eny M. & BRITTO, Vera V. de. "As atuais condições de formação do professor de 1º grau: algumas reflexões e hipóteses de investigação." Brasília, *Em Aberto*, nº 1 agosto 1982.
- PAIVA, Miguel & SCHWARCZ, Lillian. *Da Colônia ao Império: Um Brasil para Inglês Ver e Latifundiário Nenhum Bolar Defeito*. São Paulo, Ed. Brasiliense, 1982.
- PEZZOLLO, Célia. *A ilusão da escola e a realidade do trabalho* - o ensino de 1º grau de uma unidade escolar de Ribeirão Preto. São Paulo, Universidade Federal de São Carlos, 1981. Tese de mestrado (mimeo)
- POSTMAN, N. & WEINGARTNER, C. *Contestação: nova fórmula de ensino*. Rio de Janeiro, Ed. Expressão e Cultura, 1969.
- ROSENBERG, Lia. *Rendimento Escolar de Alunos de Diferentes Origens Sociais*. São Paulo, Pontifícia Universidade Católica, 1981.
- SÃO PAULO, SECRETARIA ESTADUAL DE EDUCAÇÃO. Levantamentos de dados da educação. CIE, 1982a.
- SÃO PAULO, SECRETARIA ESTADUAL DE EDUCAÇÃO. Escolas em Funcionamento no noturno. CIE, 1982b.
- SAVIANI, Dermeval - *Educação: do Senso Comum à Consciência Filosófica* - Cortez Editora, 1980.
- SAVIANI, Dermeval. "Escola e democracia: para além da teoria da curvatura da vara." São Paulo, *Revista da Ande* nº 3, 1982.
- SILVA, Teresa Roserley Neubauer da. *Orientação Curricular e Atuação do Professor: uma Avaliação Crítica*. São Paulo, Fundação Carlos Chagas, Departamento de Pesquisas Educacionais, 1981. (mimeo)
- SILVA, Teresa Roserley N. da. *Orientação curricular: uma avaliação crítica*. São Paulo, Fundação Carlos Chagas, 1981.
- TENCA, Suely C. "Cursos Noturnos: a pobre escolarização dos que trabalham". *Cadernos de Pesquisa*, nº 43, São Paulo, Fundação Carlos Chagas, 1982.
- VALE, José Misael F. do. "O diretor da escola em situação de conflito." São Paulo, Cortez Editores, *Caderno do Cedes* nº 6, 1982.